



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANDRÉIA ÁGUIDA DO NASCIMENTO**

**A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA CASTANHA DE  
CAJU PARA O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO MIROLÂNDIA  
(1960 – 2014)**

PICOS/PI

2014

**ANDRÉIA ÁGUIDA DO NASCIMENTO**

**A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA CASTANHA DE  
CAJU PARA O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO MIROLÂNDIA  
(1960 – 2014)**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves.

Eu, **Andréia Águida do Nascimento**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 22 de agosto de 2014.

  
Assinatura

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**N241i** Nascimento, Andréia Águida do.  
A Importância da produção e da comercialização da castanha de caju para o desenvolvimento do distrito Mirolândia / Andréia Águida do Nascimento. – 2014.  
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (59 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.  
Orientador(A): Prof. MSc. Naudiney de Castro Gonçalves

1. Mirolândia. 2. Agricultura. 3. Castanha de Caju. 4. Desenvolvimento Regional. I. Título.

**CDD 338.098 122**


ANDRÉIA ÁGUIDA DO NASCIMENTO

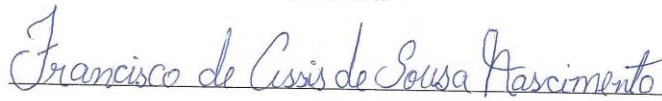
**A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DA CASTANHA DE  
CAJUPARA O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO MIROLÂNDIA  
(1960 – 2014)**

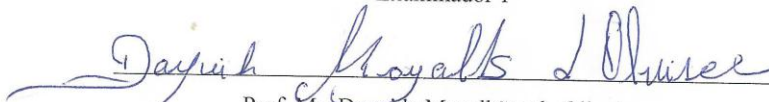
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade Federal do Piauí (UFPI)  
como requisito obrigatório à obtenção do grau de Licenciada em História

Monografia aprovada em 08 / 08 / 2014

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves  
Orientador

  
Prof. Dr. Francisco de Assis Sousa Nascimento  
Examinador 1

  
Prof. Ms. Dayvid Magalhães de Oliveira  
Examinador 2

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pai todo poderoso, que me livrou de toda incredulidade, e entregou seu filho Jesus para nos libertar do mal. Quando pedi que dominasse as minhas paixões, emoções, angústias, sofrimentos e pedi que aumentasse minha fé no teu amor, tu me ouviste Senhor e mesmo que caísse tu me levantaste. Obrigado por ter me dado uma família maravilhosa e ter colocado pessoas boas e ruins na minha vida, porque quando as ruins tentavam me derrubar os bons amigos me seguravam.

Agradeço cordialmente a todos os membros da minha família (família Nascimento), pela dedicação, compreensão, amor, carinho e esperança em um futuro melhor.

Sou muito grata à minha mãe e meu pai: Maria Águida do Nascimento e Aldemir Cardoso do Nascimento, pelo amor, carinho, incentivo e dedicação para comigo e meus irmãos. Tenho muito orgulho dizer que sou filha de vocês, os amo de forma incondicional.

E a meu marido Inácio Araújo Pedrosa Júnior, que enfrentou essa batalha comigo, com tanto amor.

Agradeço também a meus irmãos Maria Luciana Delmondes do Nascimento e Aldemar Cardoso do Nascimento pelo incentivo, união e amor.

Agradeço a meus amigos Maria Amélia de Araújo Rodrigues, Edson de Araújo Rodrigues, José Neto, Valdenira que contribuíram mesmo que indiretamente.

Agradeço também a meus amigos do curso de História em especial: Evandro José Teixeira, Claudina Maria, Railane Santos Gonçalves, Joseano Moura, que passamos essa jornada juntos aonde dividimos: afeto, alegrias, tristezas, conversas, brincadeiras, risos, companheirismo, obstáculos, sendo que tudo isso fortaleceu nossa amizade.

Aos demais que estudaram comigo na UFPI de Picos, o meu agradecimento pela paciência e o carinho de sempre.

Sou muito grata ao professor Naudiney de Castro Gonçalves, pela paciência, disponibilidade e dedicação na realização deste trabalho. Agradeço, também, aos demais professores do curso de História, pela dedicação, contribuição, ensino, amizade proporcionada durante minha trajetória acadêmica.

Agradeço aos entrevistados: Maria Águida Delmondes do Nascimento (Dona Maria), Maria Inês da Conceição Silva (Tia Inês), Maria de Lurdes Costa Diniz, Paulo Sérgio de Moura Lima (Paulinho), Fabíola Maria de Jesus, Assis Rufino Leal, Gonçalo Cardoso do Nascimento, Francisco Cardoso da Silva (Cardoso), Juscelino Roque da Silva, Germano Ermelino Ribeiro, Teresa Barros Santana e o Sr. Manoel Luiz da Silva que foram atenciosos e

compreensíveis comigo. Essenciais para a minha pesquisa. E ao padre Reginaldo Manzotti que através da sua voz foi capaz de me fazer acreditar que seria capaz fazer este trabalho. “Faça-me crer que há razões para lutar; Faça-me ver que há caminhos a trilhar; Faça-me ter a esperança de vencer. Faça-me crer” (MANZOTTI, 2013).

A proposta de integração da agricultura familiar a partir das cadeias produtivas toma como referência as relações que se estabelecem entre atores das varias instâncias envolvidas no processo produtivo de determinada cultura (BESERRA, 2011, p. 40).

## RESUMO

Este trabalho expõe a formação e transformações ocorridas no espaço rural, em Mirolândia, distrito do município de Picos-PI e de Dom Expedito Lopes – PI, a partir da chegada de famílias de localidades próximas, como o Sadio na década de 1960. Como objetivo geral, este trabalho analisa a importância do ciclo econômico da castanha de caju em Mirolândia. Entre os objetivos específicos estão: 1- Analisar a importância da BR 316 para a comercialização da castanha de caju, 2-Mostrar quais consequências às longas estiagens trouxe para a comunidade, 3- Descrever o modo de produção e os equipamentos utilizados no processo da produção da amêndoa. A metodologia utilizada baseou-se na entrevista oral com doze entrevistados, que participaram no processo de formação e desenvolvimento da localidade, entre eles produtores que encontraram na castanha seu principal meio de sustentar a família. Para coletar os dados destes produtores, foi utilizado um gravador, que possibilitou examinar de forma mais precisa seus depoimentos. Já o embasamento teórico que trazem a agricultura familiar se desenvolveu através do autor Manuel Correia de Andrade, Maria dos Remédios Bezerra, Angélica Helena da Silva, Maria Patrícia Ramos Dias, Elitânia Evangelista da Silva, Elisângela Cabral de Meireles, Teresinha Queiroz, Francisco José da Silva e autores que fazem parte da história oral como Paul Thompson, Ecléa Bosi. Autores que trabalham a invenção do cotidiano têm Michel de Certeau; a formação de cidades, como Josean Belo dos Santos, por amor as cidades, como Jacques Le Goff. Os resultados apontaram que Mirolândia se desenvolveu às margens da BR 316 e a castanha se tornou principal fonte de renda do distrito.

**Palavras-chave:** Mirolândia. Agricultura. Castanha. Desenvolvimento.



## ABSTRACT

This paper presents the formation and transformations occurring in rural areas, in Mirolândia, district of Picos-PI and Dom Lopes Expedito - PI, from da chegada families from nearby towns such as Sadio in the 1960s. As a general goal this work analyzes the importance of the economic cycle of cashew nuts in Mirolândia. The specific objectives are: 1 Analyze the importance of BR 316 for the marketing of cashew nuts, 2 Show what consequences long droughts brought to the community, 3-Describe the mode of production and equipment used in the production process of almonds. The methodology used was based on oral interviews with twelve respondents who participated in the training and development of the locality, including producers that found in agriculture their primary means of support for the family process. To collect the data from these producers, a tape recorder, which enabled examining more accurately their testimony was used. But the theoretical foundation that brought family farms developed by author Manuel Correia de Andrade, Maria of Remédios Bezerra, Angélica Helena da Silva, Maria Patrícia Ramos Dias, Elitânia Evangelista da Silva Cabral Elisângela Meireles, Therese Queiroz, Francisco José da Silva e autores que part of oral history as Paul Thompson, Ecléa Bosi. Authors who work the invention of everyday life Michel de Certeau; the formation of cities, as Josean Belo dos Santos, for love cities temos Jacques Le Goff. Os results showed that Mirolândia developed on the banks of the BR 316 and the brown has become the main source of income in the district.

**Keywords-Keywords:** Mirolândia. Agriculture. Chestnut. Development.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPITULO I – Precedentes de Mirolândia: Sadio espaço da saudade</b> .....	14
1.1 Sadio: a cultura do algodão e da cana-de-açúcar.....	14
1.2 Mirolândia, distrito entre dois municípios .....	25
2.0 <b>CAPITULO II - A castanha de caju: contribuição no desenvolvimento econômico em Mirolândia</b> .....	31
2.1 Manuseio da castanha desde a colheita ao consumidor final.....	33
2.2 Memória dos sujeitos envolvidos no processo de formação e desenvolvimento de Mirolândia.....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45
<b>APÊNDICES</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a formação do distrito de Mirolândia atualmente dividido nos municípios de Picos, Dom Expedito Lopes no Estado do Piauí a partir de 1960, com a chegada de moradores de localidades vizinhas, em busca de terras férteis para plantações de mandioca, feijão, milho e caju. A localidade se desenvolveu de forma gradativa às margens da BR 316 quilômetro 293, que possibilitou tornar a castanha de caju principal fonte de renda das famílias.

Outro fator que fez emergir nosso interesse pelo assunto foi conhecer como se deu o processo de ocupação em Mirolândia, além da necessidade de uma produção histórica que problematizasse o caso de Mirolândia, incluindo seus sujeitos históricos que participaram ativamente na sua constituição tendo seu papel na formação desse espaço rural. Como, por exemplo, o meu avô Gonçalo Cardoso do Nascimento, uma das primeiras pessoas a ir para Mirolândia, Assis Rufino Leal, sendo a última família a sair de Sadio<sup>1</sup>, o Sr. Manoel Luiz da Silva chegou em Mirolândia na década de 1950 de Assaré no Ceará e o Sr. Germano Ermelino Ribeiro, o primeiro vendedor de castanha de caju na comunidade.

Também, porque a localidade de Sadio faz parte da história da minha família e de outras famílias que mesmo tendo saído de Sadio continuaram plantando até o início da década de 1990 nas terras do Sr. Firmino Rodrigo (*in memoriam*) e Pedro Malu (*in memoriam*). Além disso, conhecer mais profundamente e contar o processo de formação e desenvolvimento de Mirolândia através das experiências dos sujeitos históricos, que fizeram e fazem parte da localidade.

Percebemos que o processo de formação e desenvolvimento de Mirolândia teve como principal fator o seu surgimento às margens da BR 316km 293 construída em (1947), facilitando a interligação com os municípios vizinhos. Concomitantemente ao crescimento da comunidade, surgiram algumas melhorias, a partir da construção da Capela de São Sebastião 1995 a ampliação da rede elétrica em 1983, a implantação da Unidade Escolar em 1976, a implantação do Posto de Saúde em 1986 e a criação da Associação dos Moradores em 1993, o que possibilitou melhores condições de vida na localidade.

---

<sup>1</sup>Sadio (baixão ocupado por famílias até a década de 1986, distante aproximadamente 10 km de Mirolândia, onde se realizavam principalmente plantações de algodão, cana-de-açúcar, arroz, feijão e milho).

Reconhecemos que somos indivíduos capazes de transformar o espaço ao nosso redor, criando novas possibilidades de sobrevivência através da troca de experiências com os sujeitos sociais. Os indivíduos desenvolvem relações entre a cidade e o campo e as interações culturais transformam suas vidas e o desenvolvimento desses espaços.

Essa monografia tem como uma das fontes de pesquisa a narração de moradores, constituída pelo uso da metodologia da história oral, juntamente com a observação e análise teórica de autores que abordam o assunto. De acordo com Paul Thompson (1992), o uso da metodologia da história oral, “Possibilita o registro de reminiscências das memórias individuais; enfim, a reinterpretação do passado, pois, segundo Walter Benjamin, qualquer um de nós é uma personagem histórica”<sup>2</sup>. Fez-se uso da história oral como referencial para sustentar o entendimento do processo que passou a criar uma identidade coletiva no povoado Mirolândia por meio do desenvolvimento do museu do fruto do caju, ou seja, a castanha. Ao realizar estudos sobre a economia piauiense a historiadora Teresinha Queiroz (1998), nos coloca que:

[...] foram identificadas características comuns entre as atividades agrícolas e a extrativas, como as relações com a terra, seu uso e sua posse; e os sistemas práticos de comercialização a formação e utilização dos polos regionais e dos canais de exportação; a acumulação incipiente e as discretas alterações demográfica<sup>3</sup>.

Segundo a autora havia uma associação entre culturas econômicas no Piauí: no século XIX, a pecuária com a agricultura de subsistência; no século XX, extrativismo vegetal ainda com agricultura de subsistência. Sendo assim, o cenário agrícola de Mirolândia e Sadio não difere das características realizadas em outras comunidades no Piauí.

No primeiro capítulo foi abordada a chegada de algumas famílias que iniciaram o povoado de Mirolândia, provenientes das pequenas comunidades como Sadio, Piçarreira, Jenipapeiro, Brejo, mostrando o marco inicial a partir do ano de 1960. Essas pessoas vieram em busca de terras férteis para novos plantios e de proximidade de acesso aos municípios vizinhos através da BR 316.

Com o deslocamento dessas famílias houve a substituição do plantio do algodão, arroz e cana-de-açúcar por plantações de mandioca, cajueiro, feijão e milho. O referido capítulo se dividiu em dois subcapítulos, onde o primeiro aborda aspectos da agricultura familiar em Mirolândia, no caso o plantio da mandioca e do cajueiro e o processo das farinhadas

---

2 THOMPSON, Paul, 1935. **A voz do passado: história oral**/ Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

3 QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. / Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz. – 2ª.ed.-Teresina: EDUFPI,1998.

realizadas nos aviamentos familiares, na maioria das vezes em parceria com meeiros<sup>4</sup> e principalmente com o uso do trabalho feminino. Vale destacar que no primeiro capítulo serão abordadas as memórias que ficaram para alguns moradores que habitaram a região do Sadio e que se transformaram em lembranças de um lugar de saudades.

Já no subcapítulo 1.2 é feita uma análise sobre a divisão do distrito de Mirolândia, atualmente pertencente a dois municípios: o de Picos e Dom Expedito Lopes. Destacamos alguns problemas enfrentados pelos moradores da localidade, inicialmente denominada como Chapada da Pista e Miroro, como os cíclicos períodos de seca e problemas na distribuição de água.

O segundo capítulo analisou o processo de como a castanha de caju se tornou o principal produto econômico de Mirolândia, tendo como uma das questões a resistência do cajueiro diante da falta de chuvas e a relação de sustentabilidade diante do cultivo de outras lavouras, como o feijão, o milho e a mandioca. Ainda no capítulo mencionado acima tratamos da mudança de comportamento no cenário do plantio do caju, pois as longas estiagens diminuíram significativamente as colheitas, sendo necessário adquirir a castanha de atravessadores para a permanência do comércio local. A relevância do assunto se dá nas ações socioeconômicas desenvolvidas no âmbito familiar, gerando uma economia de nível local.

No subcapítulo 2.1 há uma descrição do manuseio da castanha desde a colheita ao consumidor final, onde também são abordados os riscos enfrentados pelos produtores devido a grande proximidade da BR 316, além dos riscos de queimaduras e intoxicações durante o manuseio da castanha.

Já no subcapítulo 2.2 consideramos a importância dos sujeitos dentro de um contexto onde a castanha de caju é o principal objeto de pesquisa visando abordar as sociabilidades através do cooperativismo, Economia Solidária (ES), que envolve a democracia, autogestão e sustentabilidade.

---

<sup>4</sup>Meeiros – agricultores que fazem plantações em sítios de outras pessoas, dividindo a produção.

## CAPÍTULO I - PRECEDENTES DE MIROLÂNDIA: SADIO ESPAÇO DA SAUDADE

### 1.1 Sadio: a cultura do algodão e a cana-de-açúcar

A partir de 1950 a comunidade de Mirolândia começou a se formar com a chegada de famílias que vieram de vários distritos do município de Picos – PI, destacando o Sadio, o Miroro<sup>5</sup>, o Jenipapeiro,<sup>6</sup> e a Piçarreira<sup>7</sup>.

No que se refere às primeiras famílias que formaram Mirolândia, estão os Rodrigues, os Borges Leal, os Nascimento, os Rochas, os Ribeiros e os Silva que vieram do Sadio e outras localidades a partir da década de 1950. Estes trabalhavam com a agricultura de subsistência, plantavam a cultura do algodão, do arroz, da cana-de-açúcar, do feijão, do milho e da abóbora.

Aos poucos, as famílias que migraram em busca de novas terras começaram a construir suas casas, o que possibilitou o contato com localidades e municípios vizinhos. Nesse cenário, a construção da BR 316, em 1947, foi de suma importância já que possibilitou o aumento das vendas e compra de produtos agrícolas, mesmo que em alguns casos a ocupação tenha ocorrido de forma desapropriada, como mostra Beserra (2011, p.8), “A construção da estrada- BR 316, em 1947, e as novas possibilidades de comunicação que então estabeleceram com a sede do município levaram essas famílias à ocupação de terras devolutas, mais tarde objeto de regularização fundiária pelo governo<sup>8</sup>”.

De acordo com a citação acima, podemos perceber que a formação da localidade de Mirolândia ocorreu de forma intensa, com a migração de famílias dos povoados vizinhos. A sobrevivência dessas pessoas vinha basicamente da agricultura e não recebiam qualquer tipo

---

<sup>5</sup>Miroro (baixão, próximo ao Tanque do Sr. Geraldo Rocha, ocupados por famílias que passaram a habitar principalmente a divisão de Mirolândia pertencente ao Município de Pico- PI;)

<sup>6</sup>Jenipapeiro (adentrando o Sadio, pertence ao município de Picos)

<sup>7</sup>Piçarreira (localidade na Mirolândia, mais próximo do Sadio, o nome Piçarreira veio pela quantidade de piçarra ali existente, conta com cerca de 20 casas.

<sup>8</sup>BESERRA, Maria dos Remédios, **Associativismo rural**: estratégia de participação para consolidação da agricultura familiar na Associação Comunitária de Pequenos produtores Rurais de Mirolândia, em Picos – Piauí / Maria dos Remédios Beserra. Recife: Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

auxílio do governo, então a construção da Br 316 possibilitava venderem seus produtos agrícolas com mais facilidade mesmo de forma irregular.

Mirolândia apresentou novas possibilidades de acesso e produção com os municípios de Oeiras, Dom Expedito Lopes, Ipiranga do Piauí, Santa Cruz do Piauí. As famílias do Sadio desenvolviam principalmente a cultura do algodão e da cana-de-açúcar, comercializados no município de Picos e Dom Expedito Lopes, até 1960.

As moagens de cana aconteciam no engenho do Sr. Firmino Rodrigo, o único localizado em Sadio. Como relata o Sr. Gonçalo Cardoso do Nascimento, de 76 anos de idade, morador da localidade Piçarreira: “o povo plantava muito algodão, vendia em Picos, na feira ou os compradores vinham buscar de D 20. A arroba era vendida por poucos mirreiros, mais tudo era mais barato<sup>9</sup>, ou seja, as famílias realizavam uma atividade típica da época e plantavam o algodão nas roças dos grandes latifundiários. O Sr. Gonçalo é um dos exemplos, ele trabalhava como meeiro para a família Rodrigues, umas das primeiras a ocupar Mirolândia.

A relação do trabalhador com o algodão se dava de forma valiosa, conforme o geógrafo Manuel Correia de Andrade discorre em sua obra “A terra e o homem no Nordeste” (2005, p.255), “O algodão tinha grande importância na vida da economia regional, propiciando a existência de fábricas de tecido, além de permitir a associação com outras culturas – milho e feijão – e com a pecuária bovina”<sup>10</sup>. A produção era de pequeno porte, destinada à venda nas feiras livres e nesse contexto não havia encomendas para as fábricas a produção do algodão e as moagens no engenho em Sadio ocorriam em sua maior parte para o consumo local. Como se pode observar, a plantação do algodão e da cana-de-açúcar foi de grande importância para a economia do Nordeste brasileira.

Porém, o declínio dessas produções devido à praga do cascudo, a crise do mercado e da produção do açúcar trouxe entre outros, o deslocamento dos que viviam nessas comunidades e que dependiam dessa fonte de economia para sobreviver. Essas pessoas não possuíam grandes recursos e não tinham nenhum acesso ao crédito ou assistência técnica para a permanência nesse local.

Nesse sentido, o Sr. Gonçalo Cardoso do Nascimento, informa que as pessoas começaram a deixar o Sadio com destino a Mirolândia e Dom Expedito Lopes. Segundo o entrevistado: “*Quando eu fui pra lá, só tinha Firmino Rodrigo e os Borges Leal, umas quatro*

<sup>9</sup>NASCIMENTO, Gonçalo Cardoso do, aposentado 76 anos. Depoimento concedido à autora em 14/02/2014

<sup>10</sup> ANDRADE, Manuel Correia de 1922-., **A terra e o homem no Nordeste**: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste / Manuel Correia de Andrade . – 7. ed. rev. e aumentada – São Paulo : Cortez, 2005.

*casa, e aos pouco foi enchendo de casa, teve gente que comprou terra barato, com o roço pagava a compra*”<sup>11</sup>.

Assim, as famílias começaram a sair do Sadio com destino à Mirolândia e Dom Expedito Lopes, procurando melhorias de vida e comprando terras, uma vez que tirava da agricultura familiar o alimento para a sua sobrevivência. Vale destacar que muitas famílias da pequena localidade do Sadio continuaram a desenvolver a agricultura de subsistência, todavia passaram a inserir a cultura das plantações de mandioca e do cajueiro e esta escolha se deu devido às fortes variações climáticas da região.

O Sr. Gonçalo Cardoso do Nascimento comenta que algumas famílias continuaram as plantações em Sadio até 1990, mas, aos poucos, o lugar foi abandonado.

Hoje! O Sadio estar abandonado ninguém quer mais saber não, só tem os macaco, e o gado que o povo leva, pra comer pasto que tem. As roças num tem mais cerca e nem valor, abandonaram tudo as casa caíram, o engenho de moer cana se acabou com o tempo, acabou foi tudo!<sup>12</sup>.

O que se observa com a fala do entrevistado é que os engenhos e as casas no povoado Sadio aos poucos foram abandonados e, por conseguinte, passaram a sofrer o processo de deterioração com o abandono, ficando apenas na localidade os animais e as plantações silvestres. O Sr. Gonçalo Cardoso do Nascimento recorda das moagens no engenho pertencente ao Sr. Firmino Rodrigo e nos relata que a fabricação era basicamente a da rapadura, do mel e do alfenim e que o bagaço que sobrava da cana era destinado à alimentação dos animais.

Já o autor Manuel Correia de Andrade(2005), analisa a produção nos engenhos do sertão nordestino da seguinte forma.

Àquelas primeiras culturas juntar-se-ia logo a cana-de-açúcar, surgindo ainda, no século XVIII, os primeiros engenhos de mel e rapadura. Engenhos pequenos, com uma moenda de madeira, movidos quase sempre a tração animal - bois ou cavalos – e apenas excepcionalmente a água, e que em vez de açúcar produziam rapadura ou aguardente<sup>13</sup>.

Mediante o apresentado acima, observa-se que a capacidade de crescimento das moendas era limitada a um pequeno engenho em Sadio, e este não se diferenciava de muitos engenhos que existia no Nordeste brasileiro. Torna-se pertinente salientar que a sua produção não gerava grandes lucros, sendo destinada para o consumo e pequeno fluxo de vendas.

---

<sup>12</sup> NASCIMENTO, G. 2014

<sup>13</sup> ANDRADE, 2005, p.192



As famílias de Sadio se deslocavam para os municípios de Picos e Dom Expedito Lopes com intuito de comprarem mercadorias que não eram produzidas na localidade, como carne, roupas, moveis e café. As dificuldades em permanecer na localidade levaram os moradores a migrarem em decorrência do abandono da localidade de Sadio por seus donos, aumentando o fluxo de caçadores tanto de localidades vizinhas como vindos de outras regiões em busca de aves, preás, veados, pebas e tatus, pondo em risco a extinção desses animais.

Alguns vestígios das habitações dos antigos moradores estão sendo cobertos pela vegetação e o espaço está se tornando um lugar que ficou apenas na lembrança de quem lá viveu e cresceu. O difícil acesso ao local, devido à presença de ladeiras e morros, fez com que os antigos moradores retornassem apenas para visitarem e recordarem os tempos vividos ali.

Na localidade havia uma distinção entre os grandes proprietários de terras e aqueles menos favorecidos que dependiam do trabalho nas roças. Como referência deste período, Sadio ainda mantém alguns indícios dos que ali residiram, como, por exemplo, os destroços das antigas residências e do engenho responsável por manter as famílias com a sua produção.

De acordo com Manuel Correia de Andrade (2005) “hoje, os engenhos rapadureiros encontram-se em decadência, em face da ação das usinas que, abrindo escritórios de venda de açúcar nas principais cidades sertanejas, vem colocando no mercado regional o açúcar cristal”<sup>14</sup>. Percebe-se que os engenhos produtores de rapadura, alfenim e melado não tinham possibilidade de concorrerem com a produção em longa escala das usinas que dispunham de equipamentos mais modernos, uma vez que as produções nas fábricas teriam menos gastos com mão-de-obra e tinham condições de produzir em larga escala em relação ao pequeno produtor.

É possível compreender que os engenhos do Nordeste brasileiro, tanto em Pernambuco como em algumas regiões do Piauí, perderam espaço para as grandes produções das usinas que vieram da região da Zona da Mata e que dispunham de transportes e expandiam seus mercados. Nesse contexto, Manuel Correia de Andrade (2005) ressalta que “[...] a rapadura era um produto destinado ao consumo local, não alcançava grandes preços; a capacidade das moendas era pequena e, por isso, os canaviais pouco cresciam”<sup>15</sup>.

Esses fatores levaram os produtores a buscarem alternativas e uma delas foi à divisão da produção com meeiros. Em Sadio, a produção de rapadura, melado e alfenim do engenho do Sr. Firmino Rodrigues não atingiu grandes mercados e ficou restrito apenas a algumas localidades.

---

<sup>14</sup> ANDRADE, 2005, p. 193

<sup>15</sup> Ibid., p. 193

A diminuição da produção do algodão, o baixo preço dos produtos do engenho e as poucas chuvas que afetaram o Nordeste brasileiro nas últimas décadas repercutiram nas pequenas comunidades, entre elas a de Sadio. Este fator motivou os moradores a explorar novas terras e vegetais que fossem mais resistentes às irregularidades chuvosas no Piauí. Assim, aos poucos as famílias foram deixando a pequena comunidade de Sadio e migrando para Mirolândia, uma serra com “terras frescas”, clima frio e propício à agricultura da mandioca, caju, milho e feijão.

A ocupação ocorreu através de roças e a construção de casas próximas às plantações. Segundo Manuel Correia de Andrade, as plantações no Nordeste brasileiro se constituíam por “[...] pequenas manchas, “ilhas” isoladas na vastidão das caatingas”<sup>16</sup>.

O Sr. Francisco Cardoso da Silva, 56 anos de idade, morador de Mirolândia e antigo presidente da Associação de Moradores desta localidade, assim relata o crescimento da população: “aqui na Mirolândia pertencente a Picos, são mil duzentos e pouco, mil e trezentos habitantes, porque quando nós fizemos um levantamento, era mil e cem, agora aumentou”<sup>17</sup>.

Percebe-se através do relato do Sr. Francisco Cardoso que alguns elementos contribuíram para o crescimento da comunidade, como a construção da Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Mirolândia em 1993 que no início contemplou apenas as localidades circunvizinhas como Chapada do Fio, Mosquito e Piçarreira. Contudo a contagem de habitantes contemplou apenas a área pertencente ao município de Picos, já os habitantes pertencentes ao município de Dom Expedito Lopes não foi possível obter dados exatos.

A Associação Comunitária representou uma conquista, já que a economia em Mirolândia era de algumas culturas como o feijão, o milho, a mandioca e o caju. As famílias tiravam o seu sustento da colheita destes produtos e o excedente era vendido para terceiros que revendiam nos municípios vizinhos, principalmente Dom Expedito Lopes e Picos.

O aumento da população e a falta de água gerou nos associados a necessidade de buscar por melhorias que suprissem as dificuldades das famílias, na saúde e na educação. Maria dos Remédios Beserra (2011) assim descreve algumas das conquistas alcançadas pelos associados:

No relato dos associados “existia a vontade de trabalhar e produzir, mas não havia água”. Essa dificuldade constitui um grande problema para a comunidade e determinou os primeiros movimentos de articulação e organização dos pequenos produtores locais. Esse sentido de luta aproximou e reuniu a população a

---

<sup>16</sup> ANDRADE, 2005, p. 191

<sup>17</sup> SILVA, F. 2013

implantação da Unidade Escolar (1976), a ampliação da rede elétrica (1983), a implantação do Posto de Saúde (1986), dentre outras iniciativas relacionadas às condições de trabalho na agricultura familiar e ao acesso aos serviços sociais<sup>18</sup>.

A população de Mirolândia se deparou com a escassez de água e falta de recursos para expandir seus mercados e produção, restringindo o mercado local e tornando-se dependente de intermediários. Estas dificuldades afetaram a produção do agricultor por não dispor de canais de irrigação para manter as plantações. A mobilidade dessas famílias tornou agricultura familiar em uma identidade local através da busca por melhorias técnicas, sociais e humanas.

Como comentado anteriormente, a economia local de Mirolândia, embora em crise, se desenvolveu na agricultura familiar. As terras eram brocadas e incineradas nos meses de outubro a dezembro, tempo adequado para preparar o solo até a chegada do período chuvoso, entre os meses de dezembro a fevereiro e com a chegada do período chuvoso, iniciavam o plantio do feijão, do milho, do jerimum, da melancia e da mandioca.

O chefe da família utilizava neste trabalho procedimentos rotineiro como o uso da enxada, a capanga ou cuia com as sementes, que eram semeadas por seus filhos ou mulher. As covas deveriam ser profundas e estreitas, para que os passarinhos não destruíssem as sementes. Como mostra o autor Manuel Correia de Andrade (2005), “pelo calendário agrícola que expulsemos, observa-se que, morando em uma propriedade, tinha o trabalhador que dividir o seu trabalho entre o roçado próprio e o do patrão”<sup>19</sup>. No período do crescimento dos legumes, os chefes de famílias trabalhavam por diárias em outras propriedades e o dinheiro ganhado era destinado à compra do arroz, farinha e leite.

Além do trabalho na roça ser cansativo, passando horas em pé ou em posições não confortáveis, muitos cultivadores em Mirolândia morava distante de suas residências. Nesse cenário, desenvolviam estratégias para se adaptarem ao meio, levando o almoço, e nos momentos de descanso antes de voltar ao trabalho era comum o chefe de família sair para caçar alguns animais e aves, a exemplo: o preá, peba, tatu, juriti e avoantes para serem preparados no jantar.

Em junho, os proprietários e os meeiros começavam a arrancar a mandioca com destino aos aviamentos e toda a família empenhava-se na farinhaada<sup>20</sup>. Segundo alguns entrevistados a mandioca era carregada por jumentos em jacás, guiado por um homem

<sup>18</sup> BESERRA, 2011, p. 53

<sup>19</sup> ANDRADE, op. cit., p. 196

<sup>20</sup> Farinhada- processo da colheita, raspagem e trituração da mandioca, realizado nos aviamentos, de junho a agosto, no fim do processo se obtêm a farinha e a goma, utilizados principalmente no preparo do beiju, farofa e pirão

chamado de botador, essa mesma pessoa era responsável por recolher a casca da mandioca, retirada durante a raspagem no final da tarde a casca era espalhada próximo do aviamento para secar, depois de seco servia como alimento para os animais. De acordo com estas pessoas os tempos de fartura em Mirolândia vinham com a chegada do feijão verde, milho, melancia, jerimum e a farinhada no mês de junho.

As casas de farinha eram compostas por três espaços um quarto para depósito da goma e farinha, uma cozinha para o (meeiro) da desmancha, fazer o café, almoço e jantar dos trabalhadores. O outro cômodo não possuía paredes apenas à cobertura, este espaço era destinado à raspagem da mandioca. E neste espaço se armavam redes para descanso enquanto aguardavam a chegada da colheita da mandioca. Esse trabalho trazia a socialização entre as famílias e ajudantes.

Nas extensões da casa de farinha estavam o forno, a prensa, os lavadores de massa e nas proximidades se encontravam os girais para secar a goma. As casas de farinha (aviamentos) pertenciam a poucos, somente aos grandes e médios proprietários de terras. Até mesmo a lavoura não sendo de meia (meeiros), para os agricultores desmancharem, deveria pagar renda nos aviamentos. Muitas vezes o pagamento era feito com a goma e farinha.

O patrão estava sempre presente durante as farinhadas, às vezes participava das atividades, na retirada das cargas do animal, da quebra da goma, da lavagem da goma e do armazenamento da farinha. As pessoas que tinham condição de manter a desmancha sem vender sua produção faziam estoques até atingir um preço significativo no mercado. E, de acordo com o preço, ia no sábado vender seus produtos na feira da rapadura em Picos, ou vendiam nos girais do aviamento.

Já os meeiros comercializavam sua produção para pagar aos trabalhadores no final da semana, às vezes ao término da farinhada não lhes restava mais que um saco de farinha e outro de goma para serem consumido por toda família até a desmancha no ano seguinte.

A Sr.<sup>a</sup> Maria Inês da Silva, 45 anos de idade, natural de Picos, fala que, até 2005 em Mirolândia, havia grande alegria nos aviamentos, contavam histórias, dançavam, cantavam, era um divertimento. Apesar disso, se observa meios encontrados por essas pessoas, para diminuir a exaustão, sentida por longas jornadas de trabalho<sup>21</sup>.

A Sr.<sup>a</sup> Maria Inês da Silva segue dizendo que naquele espaço conquistavam amigos, já que conviviam de dois a três meses.

---

<sup>21</sup>SILVA, Maria Inês da Conceição, 45 anos. Depoimento concedido à autora em 03/11/2013

Era um trabalho pesado, passava muito tempo sentada na merma posição, forçando os braços a coluna. Acordava cedo, às vezes três, quatro horas da madrugada, mas aquele monte de mulher junta, cada uma contava uma história, distraíndo as outras, o tempo passava que nem via. Tinha o risco de se cortar, muita gente cortava os dedos com a faca amolada, mas não era corte grande não, dava pra continuar<sup>22</sup>.

Já Sr<sup>a</sup>. Maria Águida Delmondes do Nascimento, 45 anos de idade, natural do Estado de Pernambuco, rememora as dificuldades enfrentadas nas farinhadas, cada ano acontecia uma readaptação, mesmo porque as farinhadas duravam em media três meses.

Ia! Por que ia mermo, não tinha outro jeito, mas acordar três, quatro horas da manhã, todo dia no frio, pra lavar massa, depois sentar numa ruma de mandioca até cinco, seis hora da tarde, não era fácil, muito cansativo<sup>23</sup>.

O trabalho com a mandioca em Mirolândia seguia as seguintes etapas: arrancavam a mandioca, raspavam, assavam a farinha, imprensavam a massa.

O trabalho com a mandioca dependia da quantidade de pessoas as dez cargas de mandioca eram raspadas por cinco trabalhadores. Ao finalizarem a raspagem da mandioca, iam lavar a goma, fruto da massa, sendo que o tempo desse processo era mais rápido e durava cerca de meia hora. Nessa relação, estão incluídos os riscos tanto os adultos, mas principalmente por crianças, que começavam manusear facas muito cedo.

Nos aviamentos havia as ajudas de parentes e amigos, esses se caracterizavam como os reforços para terminarem mais cedo o processo de raspagem da mandioca. Manuel Correia de Andrade afirma que *“Esta cooperação da farinhada é comumente chamada auxílio”*<sup>24</sup>. Esses auxílios em Mirolândia aos pouco foram diminuindo com a baixa produção da mandioca, e o início do trabalho com a castanha de caju.

Antes do início do trabalho essas pessoas tinham que se deslocar de suas casas ao avião e ali permaneciam até o fim da farinhada, o retorno ocorria apenas nos finais de semana. Os mais jovens eram adaptados nas farinhadas para que aprendessem o trabalho e no futuro fossem capazes de prover suas necessidades e ajustar-se ao grupo, significava adaptá-los para a vida, mesmo com perigos físicos tão eminentes. Por isso é tão forte os laços de parentesco no meio agrário.

Sobre o prático na formação da identidade do indivíduo e adaptação ao meio, o autor Michel de Certeau (2009), realiza a seguinte definição: Onde o indivíduo deve mudar seus

---

<sup>22</sup>Id., 2013

<sup>23</sup> NASCIMENTO, Maria Águida Delmondes do, 45 anos. Depoimento concedido à autora 23/10/2013

<sup>24</sup> ANDRADE, 2005.p.196

modos de vida para garantir a sobrevivência de seu grupo familiar. “Prático vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo [...]”<sup>25</sup>.

Essa prática em Mirolândia era repassada de pais para filhos, reproduzindo os padrões recebidos da cultura que envolvia toda família, e até mesmo por questões de necessidade, os filhos trabalhavam recebendo diárias em outros aviamentos, permitindo continuar o ofício familiar.

O autor Martins (1982), dialoga a relação do trabalhador com a posse de terra, deixando a desejar no que envolve expropriação e exploração dos trabalhadores ou moradores. Mostrando o conjunto fundiário brasileiro.

Ele nos mostra que a questão agrária brasileira tem duas faces Combinadas: a expropriação e a exploração. Há uma clara concentração da propriedade fundiária, mediante a qual pequenos lavradores perdem, ou deixam a terra, que é seu principal instrumento de trabalho, em favor de grandes fazendas [...]<sup>26</sup>.

Assim, o processo realizado na agricultura familiar em Mirolândia se dava muitas vezes para benefícios dos grandes latifundiários, levando pequenos produtores rurais trabalharem de forma exaustiva, devido à falta de apoio governamental que suprissem as dificuldades do produtor rural.

Quase no final das farinhadas iniciava a safra do caju, que era vendido em caixotes de madeira e a castanha era comercializada em quilos ou saco. Beserra (2011), comenta que:

O cultivo obedece às regras do clima, a safra é única e na entressafra ele se dedica a outras atividades, sempre referidas à agricultura, como o trabalho como diarista no processo de beneficiamento da mandioca, pequenos consertos, construção de cercas, pequenos comércio<sup>27</sup>.

A relação do homem com a natureza fala muito dependendo da forma como ela é aproveitada, até mesmo porque em Mirolândia o comércio apresenta-se bastante limitado, tanto para produzir como para comercializar. Esta falta de apoios técnicos na produção trouxe impactos negativos para os agricultores, que vendiam seus produtos no município de Picos, competindo com produtores de toda microrregião.

Avaliando a relação desenvolvida entre o homem, natureza e sociedade, Claudia Renata Duarte (2002, p. 127), fala que essa relação se dá sobre três aspectos, que envolve

---

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel de, 1925- 1986. Invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 9. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.p.40

<sup>26</sup> MARTINS, apud BESERRA, 2011, p. 30

<sup>27</sup> BESERRA, 2011, p.53

tantos os métodos como as condições que o homem é submetido, fala ainda do material utilizado durante o processo do trabalho. Assim, a referida autora salienta que:

1- Os meios de produção tirados da natureza, bem como as condições naturais de vida e as modificações infligidas pelo homem ao meio natural; 2- As forças de produção, isto é, os instrumentos de trabalho, os meios humanos da produção e o próprio homem com sua experiência e a organização técnica do homem no trabalho; 3- Os produtos materiais obtidos desses meios e por essas formas, ou seja, os instrumentos de produção e os produtos destinados ao consumo<sup>28</sup>.

Com o que foi exposto por Duarte (2002), compreende-se que os equipamentos de trabalho do agricultor rural, tanto em Mirolândia, e de um modo geral, consistiam a foice, o machado, o fósforo para a queimada da broca, tarefas que exigiam resistência física. No que se refere ao povoado Mirolândia, muitas das famílias que lá se instalaram, plantavam e brocavam como meeiros, preparavam a terra, para a plantação e dividiam a safra com o dono da propriedade.

A produção desse agricultor se destinava basicamente da alimentação a família que era o feijão, milho, arroz, beiju e carne. Isso demonstra que as famílias menos favorecidas não acumulavam mercadorias para serem vendidos por um preço mais elevado, em relação ao obtido dos patrões.

A relação que o homem desenvolve entre natureza, trabalho e bens materiais e imateriais, obtidos do seu esforço, lhes proporciona sociabilizar a cultura material na produção, uso e troca, difundindo-a em múltiplas formas. A agricultura brasileira ganhou precaução quando seu declínio passou a afetar todos os segmentos sociais, como expõe Schneider (2003)

[...] No Brasil, embora tardiamente, a discussão sobre agricultura familiar ganha legitimidade social nos meados da década de 1990, em decorrência, sobretudo, de dois fatores: o impacto da adoção dessa expressão pelo sindicalismo brasileiro, tendo à frente a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG que encapava os muitos desafios postos pelo contexto da crise econômica, os impactos da abertura comercial, a falta de crédito agrícola e queda dos preços dos principais produtos agrícolas de exportação, entre outros; e a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF (Lei 11.326, de 24 de julho de 1996) que expressa formalmente o compromisso do Estado com as demandas do agricultor familiar<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> DUARTE, Cláudia Renata. **A tecelagem manual do triângulo mineiro**: Uma contribuição para a história cultural material em Minas Gerais, História e Perspectivas, Uberlândia, (25 e 26) : 121 – 146, jul./ Dez 2001 / Jan / Jul. 2002.

<sup>29</sup> SCHNEIDER apud BESERRA, 2011, p. 31

No que se refere à falta de garantias no setor agrícola, havia poucas. Este fator foi o que levou em Mirolândia o Sr. Germano Ermelino Ribeiro, 84 anos de idade, natural de São João do Piauí, a vender caju e castanha às margens da BR 316/ km 293. Os compradores eram principalmente caminhoneiros que trafegavam pela região. Sr. Germano fala como iniciou sua trajetória de trabalho, para garantir seu sustento e de sua família às margens da BR 316.

Ah! Naquele tempo consegui comprar 20 e quitaria de terra, pra sustentar a família, que era grande. Mas ai veio à seca e há quarenta anos atrás, eu assava a castanha e botava na beira da pista, pro povo que passava comprar, num tinha barraca não, era no meio do tempo, os caju num baldo, e a castanha assada, mais com casca, num despelava não. Hoje as coisas tão fácil! E os jove, não dão valor, o mundo ta mudado<sup>30</sup>.

Nesse trecho, o Sr. Germano, diz que: através de uma barraca com quatro forquilhas, telhado de palha, passou a assar castanha de caju e revender mel, manga e pinha, garantindo o sustento da sua família. No entanto, trouxe problemas de coluna, devido à má posição em desempenhar as funções. O problema se agravou com o tempo, ficando com a coluna curvada e de pouca resistência, o impedindo de exercer funções simples. O Sr. Germano Ermelino Ribeiro diz: *“Ah! Sinto dores nas costas! Às vezes ate pra pegar o carrinho com as coisas da barraca é preciso Ambrosina levar, mas é assim mermo, num tem jeito”*.

Nesse trecho, o Sr. Germano relata os problemas de coluna que adquiriu com o esforço da roça e muito tempo sentado quebrando castanha. Sobre sua história de vida relata que nasceu em 1929, no município de São João do Piauí, é analfabeto, veio morar em Mirolândia, casou-se com Ambrosina e tiveram sete filhos, trabalhavam de roça, plantando cajueiro, mandioca, milho, feijão. Com as irregularidades chuvosas, passou a comercializar castanhas de caju.

A história de vida do Sr. Germano Ermelino Ribeiro manifesta seu esforço de permanecer no campo. Mas é bastante notório o desânimo com os governantes, por não dispor de planejamentos adequados que pudessem suprir as dificuldades enfrentadas pelos produtores.

Devemos destacar que os pequenos produtores rurais em Mirolândia, sem o apoio que fomentasse as dificuldades ao setor agrícola, buscaram permanecer no mercado através da castanha de caju, e mesmo de forma simplória vêm fazendo diferença na vida destas famílias.

---

<sup>30</sup> RIBEIRO, Germano Ermelino, 84 anos. Depoimento concedido à autora em 13/04/2013



## 1.2 Mirolândia: distrito entre dois municípios

Mirolândia e suas boas condições do solo em meio a serras, e dando acesso aos estados do Ceará, Pernambuco e Maranhão por meio das BRs 316, 020 e 407, faz ligações com as cidades mais próximas, como Picos, Dom Expedito Lopes, Ipiranga do Piauí e Oeiras. Com isso, se tornou favorável à habitação humana. Entretanto, surgiram dificuldades, e a principal veio através da falta de nascentes de água, que fez com que se tornasse necessário construir cisternas para o armazenamento. Contudo, algumas famílias permaneceram com um hábito já existente, e continuaram a buscar água no Barbosa. Os benefícios só vieram aparecer por meio da ampliação da rede elétrica em 1983.

A dificuldade da localidade esta na falta de água distribuída uma vez por semana, essa provem dos poços na comunidade. Porém, se detectado problemas na manutenção dos reservatórios, a comunidade de Mirolândia passa a ser abastecida através de carros pipas, como 3º BEC<sup>31</sup> e a Defesa Civil<sup>32</sup>, que por meio de verbas do governo federal realizam a distribuição uma vez por mês nas residências.

Este problema em torno do abastecimento de água na localidade, segundo as palavras do ex-presidente da associação de moradores, Sr. Francisco Cardoso da Silva, é antigo e falta apoio através de políticas públicas para que haja uma solução definitiva para este problema.

(...) a localidade sempre sofreu com problemas de água e mesmo com um projeto do governo federal destinado a construção de cisternas a população continua a esperar água em suas torneiras, o poço faz parte de uma emenda parlamentar mais é destinado a beneficiar apenas o município de Picos (Mirolândia I) que vai até a casa de Pedro Gedi (funcionário da CONAB)<sup>33</sup>.

O referido entrevistado relata que mesmo sendo insuficiente o apoio do governo faz grande diferença: *“Bom! O apoio do governo foi à vinda de umas cisternas para a captação de água das chuvas, e para amenizar a sede dos produtores, por que mesmo que as chuvas sejam poucas, retêm uma boa quantidade de água”*.

<sup>31</sup>3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção), instalado no período da ditadura militar. Durante mais de trinta anos aqui instalados, vem realizando várias obras, principalmente de infra estrutura e desenvolvimento da economia, a exemplo da construção da BR 407, que ligou município de Picos a Petrolina/PE.

<sup>32</sup> Defesa Civil- Órgão responsável por realizar ações preventivas, de socorro, assistencialismo e recuperativas com o proposito de evitar ou minimizar desastres, procurando, ao mesmo tempo, preservar o moral da população e restabelecer a normalidade do convívio social.

<sup>33</sup>SILVA, F. 2013

Percebe-se que o grande problema da comunidade de Mirolândia envolve a falta de água, e mesmo contando com dois poços a água é distribuída de forma irregular, onde residências passam meses sem cair água em suas cisternas.

Outro aspecto importante a ser frisado é a questão da divisão administrativa, pois apesar de ser gerida por dois municípios, existem grandes falhas de infra-estrutura em vários setores, como saúde, educação, saneamento básico, coleta de lixo, esta última realizada uma vez por semana na divisão pertencente a Picos. Essa divisão administrativa reflete contrária no desenvolvimento da comunidade de modo geral.

No sentido da falta de água, temos o relato do seu Paulo Sérgio de Lima, 33 anos de idade, natural de Dom Expedito Lopes, morador de Mirolândia que fala das dificuldades para implantação de água nas residências.

Tenho uma cisterna que cabe duas pipa e meia de água, veio de um projeto do governo faz sete anos que foi feita, e a água vem duas, três vezes por semana, do poço de Dom Expedito Lopes, do lado de Picos cavaram um poço mais vai ficar só na área que pertence a Picos<sup>34</sup>.

O Sr. Paulo Sérgio de Lima comenta em relação ao projeto do PROSAR PI, *“Eles, já enterraram os canos, ta tudo no jeito, falta só a caixa de água, só que pra sair água nas torneiras não tem previsão não”*<sup>35</sup>.

Mesmo o poço cavado, implantado os canos, tudo no jeito, fala seu Paulo, ainda assim continua a dúvida, o descrédito que longos anos a espera de água possa finalmente tornar-se realidade. Mesmo cada família pagando uma taxa no valor de \$10,00 por mês para manter as despesas do poço, nos relatos políticos acerca desta carência na comunidade, dizem que não se deve dar água de graça. Porém, não há uma instalação adequada para serem cobradas taxas de consumo na localidade.

A ocupação de Mirolândia ocorreu de forma simplória, em que as famílias passaram a fazer terras para o plantio, com a safra destinada ao sustento familiar e pequenas vendas nas cidades vizinhas, a condução se dava de jumentos ou pick-ups.

O autor Michel de Certeau (2009), em “A invenção do Cotidiano” chama a atenção para a construção do ambiente em que o homem se inseriu e aos pouco, toma forma e características próprias, através do uso contínuo do local: “Pode-se, portanto apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo e de todo mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano

---

<sup>34</sup> LIMA, Paulo Sérgio de, 33 anos. Depoimento concedido à autora em 23/01/2014

<sup>35</sup>PROSAR PI-Programa Saúde e Saneamento Básico na Área Rural.

desse espaço<sup>36</sup>”. O autor institui uma noção clara da utilização dos espaços como um direito: o direito de ir e vir, o direito de trabalhar, o direito de uso do espaço que é público, e por não ser “controlado” seu fluxo cresce. Assim, o progresso comercial em Mirolândia poderia vir através dos domínios administrativos que necessitam realizarem paralelos comerciais entre o campo e a cidade para que haja maior desenvolvimento.

Para Le Goff (1998), as cidades mostram que o domínio municipal desenvolve em todos os segmentos.

[...] villa é um domínio com um prédio principal que pertence ao senhor; em consequência, é um centro de poder, não apenas de poder econômico, mas também de poder em geral sobre todas as pessoas, os camponeses e os artesãos que vivem nas terras ao redor<sup>37</sup>.

Em Mirolândia, essa divisão sempre ocorreu de forma aleatória, já que as famílias não tinham alto padrão de vida e viviam basicamente da agricultura familiar. Porém, esse papel ficava a cargo dos municípios que se tornou rota principal para os agricultores na venda e compra de mercadorias.

Mirolândia se desenvolveu por meio do comércio com os municípios vizinhos. Nas memórias dos mais velhos estão as lembranças das viagens aos sábados, principalmente para o município de Picos e Dom Expedito Lopes, levando suas mercadorias para a feira livre. Por isso, a importância das comunidades construída nos arredores das cidades. Conforme Josean Belo dos Santos (2011), expõe em seu trabalho sobre a cidade de Dom Expedito Lopes, no estado do Piauí, mostrando a importância dessa relação entre o campo e a cidade:

Não podemos desprezar as importantes funções que as cidades pequenas exercem na rede urbana regional e nacional, assim como as relações que elas engendram com os distritos e as zonas rurais do seu entorno. “Essa capacidade das cidades pequenas responderem as necessidades vitais da população é um dos elementos que garante a existência e o funcionamento de tais cidades<sup>38</sup>”.

Toda a freguesia de Picos e Dom Expedito Lopes fazia parte de Oeiras, primeira capital do Piauí, havia assim um conjunto de relações entre esses povos que se deslocavam para venderem suas mercadorias e comprarem outras. Em Mirolândia não foi diferente seus produtores faziam esse comércio para adquirirem mercadorias não produzidas por eles.

<sup>36</sup> CERTEAU, 2009, p.40

<sup>37</sup> LE GOFF, Jacques, 1924- **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun; tradução Reginaldo Camello Correa de Moraes. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. - (Prismas).

<sup>38</sup> SANTOS, Josean Belo dos, **Expansão urbana e comércio em Dom Expedito Lopes (1970-1990)**. Picos- PI: 2011. Monografia (Conclusão do curso Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí. p.37

O domínio destes municípios sobre o meio rural veio através seus desmembramentos Picos em (1890) e Dom Expedito Lopes em (1964), as tornando emancipados. Como mostra Josean Belo dos Santos<sup>39</sup>

O desmembramento do Povoado Cabeço e seu surgimento como cidade, no cenário político do Piauí, ocorreu no início da década de 1960, quando importantes lideranças políticas como João Belarmino do Vale, José Borges de Sousa e Antônio Barbosa de Araújo indicaram e o povo elegeu José Belo de Souza ao legislativo de Oeiras com o objetivo de concretizar a liberdade política em relação a primeira capital do Piauí<sup>40</sup>.

Podemos perceber que estes desmembramentos trouxeram o deslocamento de famílias para ocuparem locais mais próximos dos polos comerciais, que lhes possibilitasse acesso à saúde, educação e melhores condições de vida. Até o ano de 1970, a educação em Mirolândia ficava restrita às famílias abastadas, que mandavam seus filhos para estudarem fora da localidade como Picos, Teresina e Crato no Ceará, com formação principalmente em magistério. O Sr. Assis Rufino Leal, 70 anos de idade, natural de Sadio Picos- PI, ressalta que a educação se restringia a poucos.

Bom! Aquele tempo só estudava quem tinha condições, por que até pra cursar o ginásio tinha que ir morar em Picos, ai vinha o aluguel à alimentação. Já aquelas famílias que não tinha condição ficava sem estudar, ia trabalhar na roça. A educação num era pra todo mundo não<sup>41</sup>.

Em relação à educação o Sr. Assis recorda principalmente de não ter estudado por problemas de saúde, mesmo assim, tinha que trabalhar na roça com o seu pai para manter seus irmãos estudando em Picos. No povoado de Mirolândia a educação veio com a instalação das escolas: Elias Gomes Neto (Picos), Francisco Galdino Alves (Picos, desativada) e Joaquim Pinheiro de Moura (Dom Expedito Lopes), mesmo estas escolas funcionando de forma regular, certo número de alunos se deslocam todos os dias para os municípios de Picos e de Dom Expedito Lopes para cursarem o ensino fundamental e médio. Esta evasão da comunidade escolar mostra falta de incentivos capazes de manter estes jovens na comunidade.

A educação veio ganhar mais atenção em Mirolândia pelos municípios com o aumento da população e seus frequentes deslocamentos para os municípios de Picos e Dom Expedito Lopes ficando a educação a cargo de poucos, já que nem toda família tinha condições de oferecer meios adequados para seus filhos estudarem. Mas de acordo com Maria dos

<sup>39</sup> SANTOS, J. Op. cit. p., 32

<sup>40</sup> Cabeço – nome dado à localidade de Dom Expedito Lopes, graças a uma pedra encontrada pelos moradores na pequena comunidade de Saco do Boi, tinha forma de cabeça humana.

<sup>41</sup> LEAL, Assis Rufino, 70 anos. Depoimento concedido à autora em 14/02/2014

Remédios Bessera, “consultando dados da Unidade Escolar Elias Gomes Neto, na localidade, observa-se que a população na faixa etária até 14 anos está plenamente atendida pela rede de ensino local”<sup>42</sup>.

Já nos termos religiosos que envolvem Mirolândia há o empenho das pessoas em manter as igrejas sempre abertas para os fiéis, proporcionando ânimo e esperança para dias melhores. O autor Willy de Craemer em seu artigo trata da importância dos movimentos religioso para orientar as pessoas sobre sua existência e se refere à religião como[...]:

Um sistema de símbolos, crenças, mitos e ritos experimentados como profundamente importantes ou sérios, principalmente por que esta fornece aos indivíduos, grupos e sociedades uma orientação para condições fundamentais de existência. A religião fornece uma auto definição individual e coletiva<sup>43</sup>.

A religiosidade na comunidade é bastante expressiva através da capela de São Sebastião, de Santa Luzia e as igrejas evangélicas: a Congregação Cristã do Brasil e a Assembleia de Deus.

Através do crescimento da comunidade uma nova capela foi construída a capela de Santa Luzia, edificada com o empenho da comunidade pertencente a Dom Expedito Lopes, inaugurada no dia 18 de novembro de 2012, e que faz parte da sede da Paroquia Nossa Senhora da Conceição Ipiranga- PI, o padre celebrante é Sebastião Santos.

Segundo o Sr. Juscelino Roque da Silva, 29 anos de idade, natural de Picos- PI, “a igreja na comunidade é importante por que nos aproxima de Deus, e se torna mais uma comunidade unida em comunhão com Deus e os irmãos”<sup>44</sup>.

Este movimento coletivo em torno da religiosidade que ocorre em Mirolândia, se torna responsável por transmitir uma nova visão espiritual aos indivíduos apoiando a coletividade por um bem comum.

A saúde na localidade Mirolândia é realizada através da rede municipal de saúde através da Saúde na Família; Agentes Comunitários de Saúde. Nos municípios de Picos e Dom Expedito Lopes os pacientes com doenças graves são transferidas para a capital do Piauí, Teresina, já que não disponibilizam de equipamentos adequados para o atendimento.

Mediante o exposto até aqui, destacamos a localidade de Sadio, no Piauí que mesmo desapropriada por suas famílias a sua história permaneceu através das lembranças e vestígios, vivenciada pelas pessoas que ocuparam aquele espaço rural. E como muitas outras famílias

---

<sup>42</sup>BESERRA, M. Op .cit. , p. 52

<sup>43</sup>CRAEMER,, Willy de; VANSINA, Jan; FOX, Renée C. **Movimentos Religiosos na África Central**: um estudo teórico. Texto traduzido. p. 02

<sup>44</sup> SILVA, Juscelino Roque da, 29 anos. Depoimento concedido à autora, em 15/02/2014.

que procuravam um lugar propício para desenvolver a agricultura de subsistência foram ocupando Mirolândia a partir da década de 1950 e 1960, a comunidade beneficiada pela BR 316 se tornou atrativa para o desenvolvimento da amêndoa de castanha de caju. A partir de então surgiram escolas, posto de saúde, associação de moradores, ampliação da rede elétrica.

## CAPITULO II - A CASTANHA DE CAJU: CONTRIBUIÇÃO NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO EM MIROLÂNDIA

A localidade Mirolândia encontrou na agricultura familiar sua principal base, e durante a primeira metade do século XX, a localidade se desenvolveu através da cultura da mandioca e do caju, atividade desenvolvida em grande escala, mas, devido extensos períodos de estiagem, motivou a produção local da amêndoa da castanha de caju.

O cajueiro a classificação científica é *Anacardium occidentale*, árvore típica e originária da região litorânea brasileira, concentrada na região Nordeste, de curta perene, tanto o pedúnculo quanto a amêndoa são produtos de alto valor nutritivo, com alto poder de aproveitamento dos seus derivados na indústria alimentícia<sup>45</sup>.

Os aproveitamentos dos valores nutritivos do pedúnculo e da amêndoa da castanha de caju são pouco utilizados pela população brasileira, por falta de campanhas que informe à população suas vantagens nutritivas e terapêuticas. Em Mirolândia, o maior consumo dos produtores acontece com a amêndoa da castanha de caju e do próprio caju não há variação na produção do pedúnculo, apenas o doce, mas por ser um produto perecível, exige técnicas e qualificação profissional.

O Sr. Francisco Cardoso da Silva, 56 anos de idade, natural de Picos- PI, revela a importância de novas atividades encontradas nos períodos de seca, entretanto, a venda da castanha assada às margens da BR 316 é predominante, e expõe bem a importância deste produto para a economia local, como também a permanência das famílias na localidade. “Antes, o foco de Mirolândia era a mandiocultura, cajucultura e feijão, e com a seca estamos passando por essa dificuldade, o povo pra sobreviver vende as castanhas de caju”<sup>46</sup>.

A partir de então, o comércio de amêndoa da castanha, que começou com o Sr. Germano Ermelino Ribeiro<sup>47</sup> e seu Mundico, veio a se expandir, mesmo não dispondo de técnicas adequadas para melhorar e ampliar a produção, atualmente a comunidade Mirolândia conta com cerca de noventa barracas que comercializa a castanha de caju, o doce e batida do caju e outros produtos como mel e doce de buriti.

A Sr.<sup>a</sup> Maria Inês da Conceição Silva, 45 anos de idade, natural de Sadio Picos- PI, dona de barraca em Mirolândia, comenta das vendas que vem aumentando a cada dia, “Tem

<sup>45</sup>SILVA, Elitânia Evangelista da; MEIRELES, Elisângela Cabral de. **Agricultura Familiar, Competitividade e Economia Solidária**: um estudo de caso na Coopercaju e sua dinâmica no mercado internacional. (2010).p. 58.

<sup>46</sup> SILVA, Francisco Cardoso da, 56 anos. Depoimento concedido à autora em 18/08/2013

<sup>47</sup> RIBEIRO, Germano Ermelino, 84 anos. Depoimento concedido á autora em 13/04/2013

*muita barraca! Mas também quase todo mundo vive das venda na barraca, e se botar vende mermo*”<sup>48</sup>.

Nesse cenário a Sr<sup>a</sup> Maria Inês explica que mesmo a cada dia aumentar à quantidade de barracas não afeta as vendas, já que o tráfego de carros é constante. As barracas atualmente são feitas de madeira, cobertas de telha acrílica, o piso é de cimento ou de cerâmica, com prateleiras para organizar o mel e o doce, a amêndoa do caju, os produtos são expostos, permitindo uma melhor visibilidade para os possíveis clientes.

Os moradores, por estarem todos os dias às margens da BR, conseguem os fregueses e diferenciam suas barracas com placas identificadoras, facilitando o retorno dos clientes. Com isso, as famílias passaram a sobreviver através do comércio da castanha, do mel, dos doces de caju e de buriti. O comércio da amêndoa de castanha de caju possibilitou a essas pessoas adquirirem bens materiais como motos, carros, móveis e casas, além de uma nova visão para a localidade.

Essas pessoas produzem através das mãos uma nova história do lugar, mantém-se na localidade Mirolândia, produzindo uma das mais importantes manifestações da cultura material, importando para o município de Picos, que se torna referência na comercialização da amêndoa de castanha de caju tanto para o próprio município como para outras regiões do país, e até mesmo o exterior.

O relato de Sr. Paulo Sérgio de Moura Lima, 33 anos de idade, natural do Buriti Grande distrito de Dom Expedito Lopes, demonstra a importância de seu trabalho, que garante seu sustento e de sua família, fica feliz quando recebe manifestações de admiração, de quem para e compra seus produtos.

Eu vendo aos caminhoneiros, o pessoal sem ser caminhoneiro, agente chama aqui de viajante né, vendo também em Oeiras, pra entrega, e vendo também a ratei né? Muita gente que para aqui tira foto, fica conversando, se admira, do nosso trabalho, principalmente no final de ano que passa muita gente de fora<sup>49</sup>.

Os viajantes compram o produto e lançam elogios aos produtores de Mirolândia, tiram fotos, criando um arquivo e retornam as barracas. O comércio local, além dos caminhoneiros e viajantes, passou a se desenvolver em torno das encomendas para atravessadores, que levam o produto principalmente para Teresina.

O Sr. Paulo Sérgio de Moura Lima faz encomendas e leva seus produtos para Oeiras. [...] *“tenho uma barraca em Oeiras, e outra na Mirolândia, aqui as venda são boa, por que é*

<sup>48</sup>SILVA, Maria Inês da Conceição, 45 anos. Depoimento concedido à autora em 03/11/2013

<sup>49</sup>LIMA, Paulo Sérgio de Moura, 33 anos. Depoimento concedido à autora em 23/01/2014



*na BR né? E o dia que eu vou pra lá pra Oeiras é na sexta-feira tenho uns freguês já certo pra entrega*". Como se percebe, através da explicação do Sr. Paulo Sergio o comércio vai se expandindo, com a procura dos produtores por mercados fora de Mirolândia, principalmente em períodos de crise.

Desde 2005 os produtores de castanha em Mirolândia passaram a oferecer seus produtos a feirantes de rapadura do município de Picos, comercializada em saquinhos ou quilos. Do mesmo modo, alguns produtores vendem para atravessadores que levam para a capital do Piauí, Teresina, negociada em média \$ 23,00 a 27,00 kg, a produção por unidades familiares chega a média de 20 a 150 kg de amêndoa por semana.

Todavia, na localidade de Mirolândia nem todo dono de barraca faz encomendas, como exemplo a Sr.<sup>a</sup> Fabíola Maria de Jesus, 31 anos de idade, natural de Picos-PI, moradora de Mirolândia que sempre trabalhou na barraca e destaca a importância das vendas para o sustento da família e as ajudas do governo em sua casa.

Recebo O Bolsa Família de \$134,00 e o Seguro Safra, e a minha casa também foi do projeto Minha Casa Minha Vida, e aos poucos fui melhorando fiz uma área com garagem, botei cerâmica, vou aumentando aos pouco. E o dinheiro que apuro na barraca me ajuda a comprar as coisas de casa, e roupa para meus filhos<sup>50</sup>.

A entrevistada ressalta que a ajuda disponibilizada pelo governo não daria para manter a família em períodos de crise, mas a venda na barraca é responsável por manter e melhorar a estrutura de sua casa e possibilita melhorias na vida da família.

Com o que foi exposto até aqui se percebe que a produção vem aos pouco ganhado impulso no mercado local, mesmo com a falta de políticas públicas para que houvesse os cuidados adequados com o solo, o manejo, a colheita, os equipamentos técnicos e/ou qualificação adequada para que houvesse maior garantia na qualidade do produto e satisfação do cliente.

## **2.1 Manuseio da castanha de caju**

O trabalho com a castanha não se qualifica como uma produção fácil é um ofício que pertence agricultura familiar. Sendo necessário retirar todo mato embaixo do cajueiro antes da safra para facilitar a colheita e proteger de animais peçonhentos.

---

<sup>50</sup> JESUS, Fabiola Maria de, 31 anos. Depoimento concedido à autora em 13/01/2014

Nos período de safra, o caju é colhido para a produção de seus derivados os doces e cajuínas, além de serem vendidos em caixa, em seguida os cajus caídos são colhidos e o pedúnculo é separado da castanha e utilizado na alimentação de animais.

A produção da castanha se inicia para alguns as quatro, cinco horas da manhã, muitos têm uma jornada de até doze horas. Como mostra o Sr. Paulo Sérgio de Moura Lima, em relação ao manuseio da castanha e o horário que começa sua jornada de trabalho.

Eu a seleciono, depois asso, depois de assar vou peneirar pra esfriar, ai agente quebra, passa no forno e vai pelar umas duas horas da tarde. E tem um horário pra cada coisa, pra quebrar, assar, pelar ne? Cinco horas da manhã boto a barraca e tiro seis e meia da tarde<sup>51</sup>.

Estes trabalhadores seguem horários na execução de suas tarefas, o produtor é seu chefe. A jornada de trabalho do Sr. Paulo Sérgio se baseia nos seguidos por outros produtores em Mirolândia. A produção a feminina é menor para algumas que são mães e donas de casa como a Sr.<sup>a</sup> Fabíola Maria de Jesus

Só trabalho na barraca e em casa, mas não da pra trabalhar em outra coisa não, tenho dois filho eles estuda e a barraca é o dia todo, começo cinco horas da manhã e paro cinco horas da tarde, de manhã meu marido assa a castanha antes de sair enquanto faço o café, de manhã quebro a castanha, e de tarde despelo, a sorte que é enfrente de casa, que da pra fazer as coisas de casa e prestar atenção na barraca se não fosse não dava<sup>52</sup>.

O trabalho na barraca não atrapalha a Sr.<sup>a</sup> Fabiola desempenhar os serviços domésticos, já que a mesma divide as tarefas. As vendas nas barracas eram consideradas uma atividade do lar, mas a partir de 2005, passou a ser exercido por toda a família. Em função disso, Maria dos Remédios Beserra (2011), mostra em seu trabalho a luta da Associação de Moradores de Mirolândia na busca por melhorias para o setor agrícola, expondo uma das conquistas da Associação dos moradores de Mirolândia, que formou um grupo liderado por mulheres para produzirem à castanha. “Outra situação a destacar na prática participativa dos associados, ocorreu mais recentemente, com a organização de um grupo de produtores liderado pelas mulheres para organização da castanha e outros produtos derivados do caju”<sup>53</sup>.

Dessa forma, a mulher passa a conquistar seu espaço na produção local, muitos derivados do caju ficam a cargo de sua produção, mas a participação nesse grupo ficou restrita a poucas, por sua maioria trabalharem por conta própria. O projeto da Associação de

<sup>51</sup> LIMA, 2014

<sup>52</sup> JESUS, 2014

<sup>53</sup> BESERRA, Maria dos Remédios, **Associativismo rural**: estratégia de participação para consolidação da agricultura familiar na Associação Comunitária de Pequenos produtores Rurais de Mirolândia, em Picos – Piauí / Maria dos Remédios Beserra .- Recife: O autor, 2011. P.58

Moradores de Mirolândia se tivesse obtido êxito, chegaria a produzir por meio do associativismo envolvendo a Economia Solidaria (ES), através da autogestão, cooperação, democracia e igualdade para todos os participantes.

Porem, a ideia de trabalhar todos juntos na produção da castanha não é viável para os moradores, como ressalta a Sr.<sup>a</sup> Fabíola Maria de Jesus que preza a produção individual, talvez a (ES) poderia trazer a desunião entre os moradores.

Aqui as pessoas trabalha cada um por si, por que todo mundo tem sua barraca e não dava certo muita gente trabalhando junto, cada um pensa de um jeito, aqui em casa quem fica mais na barraca é eu, meu marido fica às vezes quando não esta trabalhando, ele trabalha em uma loja de moveis em Picos<sup>54</sup>.

Podemos perceber no relato que a produção através do associativismo é pouco viável para a localidade, já que cada família ganha de acordo com a produção. O comércio da castanha em Mirolândia não dispõe de apoios governamentais, políticos, pesquisadores que possibilitariam explorar de forma sustentável as potencialidades locais. A exemplo dos APLs. Sendo definido por Angélica Helena da Silva e Maria Patrícia Ramos Dias (2013), que trazem em seu artigo a prática da Economia Solidaria entre os produtores do (Arranjo Produtivo Local) APL de caju na cidade de Picos. Definindo os meios necessários para que haja os APLs.

Sendo assim, para existir um APL é cogente a concentração de mais de uma empresa que trabalhem em um mesmo setor, localizada em um mesmo espaço geográfico e que seus atores trabalhem em cooperação, o que pode tornar relevante no contexto econômico municipal, estadual e regional. Assim um APL não se resume apenas em empresa ou em empreendimento, mas na soma de um conjunto em prol de objetivos em comum<sup>55</sup>.

A produção de castanha assada em Mirolândia é feita de forma caseira, entre as famílias cada uma é responsável por produzir e comercializar não há uma produção em conjunto em um único local, este trabalho através do APL poderia trazer benefícios para localidade. Os produtores desenvolvem características próprias de cada tarefa. O processo do assamento se inicia com um pequeno buraco no chão, postos quatro tijolos para segurar o tacho feito de ferro. A castanha é mexida com um pedaço de madeira até todas estarem assadas e prontas para quebrarem uma de cada vez e de forma manual e individual.

---

<sup>54</sup> JESUS, 2014

<sup>55</sup>SILVA, Angélica Helena da, DIAS, Maria Patrícia Ramos. **Economia Solidária Versus APL: um estudo de caso em APL de caju na Cidade de Picos Piauí.** – 2013. Trabalho de conclusão de curso (graduação em administração ) UFPI. p.08

Como os produtores não possuem beneficiamentos técnicos realizam suas qualificações de forma prática, já que os municípios não oferecem preparos para aperfeiçoar a mão de obra local. Ainda assim cada morador busca alternativas para sobressair.

O Sr. Paulo Sérgio de Moura Lima, no mês de outubro de 2013, participou de uma pequena qualificação organizada pela Secretaria de Cultura do município de Oeiras e pôde vender seus produtos na Feira Cultural, realizada pela prefeitura do município, com duração de três dias.

Curso não aprende e melhora mermo na prática, tem negócio de curso não. Já participei de uma feira cultural em Oeiras, foi uma experiência boa ne? Conhecemos outras pessoas, vi como é dar valor aos produtos da terra da gente, mas em termo financeiro não foi o que esperava não, mas foi uma ótima experiência<sup>56</sup>.

Já dona Fabíola fez um minicurso na Fazenda Planalto, divisa Piauí/Ceará em 2009.

Fiz um curso da EMBRAPA, em 2009, na Fazenda Planalto divisa Piauí / Ceará, que veio, mais só foi eu e outra mulher, o curso era de graça por três dias, quem avisou foi Bom Sucesso a irmã do ex: prefeito de Picos Gil Paraibano. Eu conheço ela, ai me avisou, mas tu acredita, que até hoje nunca recebi o certificado, disseram que tinham mandado por um homem e até hoje<sup>57</sup>.

Qual a importância de ter realizado o curso: “Busco fazer algum curso que aparece pra melhorar os produtos que vendo na barraca, e também aprender fazer alguma coisa diferente dos outros. Por que aqui tem muita barraca, então eu aprendi a fazer cajuína, bolo de caju, mel de caju”<sup>58</sup>. Nos relatos podemos perceber que os produtores mesmo sem apoios técnicos buscam se qualificar, através da prática ou de cursos e demonstram a importância de seu trabalho e de sua região. O interesse dos municípios em expandir o mercado da amêndoa de castanha de caju de Mirolândia não se mostra satisfatório há uma desorganização na produção e grande êxito no individualismo.

Mesmo existindo grande quantidade de barracas, a relação entre os moradores ocorre de forma amigável, não há relatos de conflitos entre os trabalhadores que se utilizam da BR para realizarem suas vendas. Nesse primeiro momento, da produção da castanha, os produtores correm riscos de queimaduras, intoxicação devido à proximidade com o fogo e óleo expelido durante o assar e quebrar, além do cheiro forte absolvido da fumaça e da castanha. Mesmo assim, se observa a preocupação em oferecer produtos de qualidade.

A Sr.<sup>a</sup> Teresa Barros Santana, 31 anos de idade, natural de Picos – PI, fala dos perigos enfrentados tanto no manuseio da castanha e da proximidade com a BR.

---

<sup>56</sup> LIMA, 2014

<sup>57</sup> EMBRAPA – Sigla que denomina a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

<sup>58</sup> JESUS, 2014

Muitos perigos de vida, com um carro desgovernado, pneu que estoura, motorista que dorme. Já teve caso de morte na região. Também tem o perigo com o trabalho com a castanha: de queimaduras, intoxicação, tanto assando ou quebrando, por que ela solta óleo<sup>59</sup>.

Neste cenário, a proximidade das barracas com a BR 316, onde estas pessoas estão todos os dias, traz os perigos de atropelamentos, pondo em risco a vida dos moradores. Que segundo a referida entrevistada já houve caso de atropelamento seguido de morte na localidade.

Todo o processamento da castanha é realizado de forma caseira obedecendo as seguintes etapas: para que ocorra o assar da castanha e a amêndoa inteira não quebre ela é posta de molho em água por um até dois dias, em seguida a secagem ocorre em terreiros diminuindo a umidade. Depois de secas, são assadas e por serem crocantes ficam mais resistentes durante a separação da casca.

Para quebrar a castanha as pessoas sentam em tijolos, cadeiras ou até mesmo no chão. Durante a quebra é expelido uma massa preta oleosa, ficando nas mãos, pés e roupas das pessoas, sendo que o contato com essa massa pode levar há queimaduras. Para se protegerem os trabalhadores usam roupas que cobrem todo o corpo, luvas, meias e alguns cobrem a cabeça e o rosto.

No processo, da retirada de películas, a castanha é distribuída em travessas sendo levadas para um forno, feito para esquentar a amêndoa. Esse processo permite a película sair de forma que não machuque ou quebre a noz. Neste processo, o trabalho é manual, o que permite melhor qualidade do produto. Em seguida, as quebradas são separadas das inteiras e embaladas para atender a demanda dos compradores.

O beneficiamento com o forno veio a partir do projeto do PRONAF<sup>60</sup> tinha como objetivo qualificar moradores para preparar derivados do caju, produzindo bolos, carne, cajuína e tortas, o curso durou cerca de oito dias realizado em um galpão, cedido por uma participante o organizador foi o Sr. João Pereira, dono de barraca e esposo de uma das integrantes.

A Sr.<sup>a</sup> Maria Águida Delmondes do Nascimento,<sup>61</sup> 45 anos de idade, natural do Estado de Pernambuco, uma das participantes, ressalta a importância do curso que possibilitou aproveitar o caju em macarronadas, mousse, carnes, sucos e aprenderam esquentar a amêndoa construindo o forno em suas residências. A castanha que norteia o trabalho da localidade de

---

<sup>59</sup>SANTANA, Teresa Barros, 30 anos. Depoimento concedido à autora em 17/03/2013

<sup>60</sup> PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.

<sup>61</sup>NASCIMENTO, Maria Águida Delmondes do, 45 anos. Depoimento concedido à autora em 23/10/2013

Mirolândia vem em pequena parte dos produtores locais e grande parte do município de Ipiranga do Piauí. Alguns moradores vão um dia na semana separar e comprar a castanha.

Na localidade existem dois tipos de produtores: o produtor para barracas, que vende para viajantes da BR 316; e o produtor por encomendas, para terceiros, destinado principalmente à capital. As encomendas permitem trabalho o ano todo.

Entretanto, essas duas categorias vão se mesclando num mesmo emaranhado de relações, já que há um comércio comum entre eles. Existem aqueles que fazem o comércio através da revenda para os “barraqueiros”. Observa-se que o cruzamento de identidades entre estas pessoas, que saem para comprar seus produtos fora da localidade, mantém relações com outras culturas, e trazem em suas bagagens valores desse meio.

A Sr.<sup>a</sup> Tereza Barros Santana faz encomenda para vendedores no shopping Center de Teresina, fala da importância das encomendas.

As encomendas vieram, através de pessoas que paravam para comprar na barraca e perguntaram se não queria vender por encomenda, no quilos selecionada, por que nas barracas as castanhas quebradas não são separadas das inteiras. Só que o preço é melhor, comparado das encomendas mais não é tão garantido, por que aventura os carros parar e comprar, e às vezes querem desconto diminuindo lucro<sup>62</sup>.

Nesse trecho, a Sr.<sup>a</sup> Teresa ao falar como iniciaram a produção da castanha por encomendas percebemos a importância da localização das barracas as margens da BR 316. Porém, nem todo barraqueiro trabalha por encomendas, mesmo garantindo a venda nos períodos de crise por se um trabalho desconfortável, exigindo muitas horas sentadas, alguns deixam de produzir, por problemas de saúde como mostra a Sr.<sup>a</sup> Maria Águida Delmondes do Nascimento: “eu tenho problemas de coluna, não posso ficar muito tempo sentada. Então por isso não faço encomendas, e na minha barraca às vezes quebro a castanha e outras eu pago para outra pessoa quebrar”<sup>63</sup>.

Grande parte dos produtores de Mirolândia entrevistados relatou problemas de coluna, a trajetória da Sr.<sup>a</sup> Maria Águida Delmondes do Nascimento, após anos trabalhando na roça, em farinhadas, restaram às doenças do trabalho árduo, afetando principalmente sua estrutura óssea, já o trabalho com a castanha pode trazer problemas de circulação sanguínea. O mesmo caso do Sr. Paulo Sérgio de Moura Lima, que devido às secas parou de trabalhar na roça, mas sobrevive com a venda de castanha e outros produtos.

---

<sup>62</sup> SANTANA, 2013

<sup>63</sup> NASCIMENTO, M. 2013

Sempre fui da roça, produtor rural, e também trabalhei descarregando caminhão mais ai adoeci da coluna, hérnia de disco, sou doente até hoje, tenho que ir no médico direto, sou encostado por que não aguento mais trabalhar no pesado. E quando sinto as crises são dois dias internado. Agora sustento minha família com o que vendo na barraca e faço encomendas de castanha. É menos pesado que na roça, e num fica no sol é na sombra<sup>64</sup>.

O Sr. Paulo Sérgio de Moura Lima, por ter sempre trabalhado na roça com seus pais, estima que sua doença se deva ao fato de seus trabalhos serem sempre pesados, porque é novo, e sua idade não lhe caberia ter hérnia de disco. Por isso, quebra a castanha em pé, sentado, ou de joelhos devido às dores serem tão fortes. Mas, nem por isso, os produtores da amêndoa da castanha de caju se mostram desanimados de seu trabalho, se apresentam interessados, esperançoso se ágeis, produzindo sempre mais.

Já a Sr.<sup>a</sup> Teresa Barros Santana relaciona o serviço desempenhado pouca importância em estudar: “Se tivesse estudado queria ser policial, mas por falta de interesse parei de estudar, me casei, tive duas filhas, agora fica mais difícil, vou lutar para elas não fazer a mesma coisa que eu”<sup>65</sup>.

Quanto aos projetos futuros, os entrevistados não mostraram grandes perspectivas, já que desenvolvem seu trabalho próximo à BR 316 e em algum momento o governo vai reivindicar a retirada das barracas. As novas alternativas de beneficiamento poderiam vir através da implantação de cooperativas que se desenvolvesse a Economia Solidária, possibilitando uma produção igualitária e melhorias na forma de produzir com implementação de maquinários.

Isto agregaria valor ao produto, inserindo-o pelo comércio justo e solidário, beneficiando todos os envolvidos através das ações socioeconômicas obtidas através da Economia Solidária.

## **2.2 Memória dos sujeitos envolvidos no processo de formação e desenvolvimento em Mirolândia**

Para Ecléa Bosi, (1994), “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”<sup>66</sup>. A autora Bosi ressalta a importância

---

<sup>64</sup> LIMA, 2014

<sup>65</sup> SANTANA, 2013

<sup>66</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.47

de preservar e valorizar os sujeitos e locais de memória, expresso nos relatos dos primeiros moradores de Mirolândia que mostram uma saudade dos lugares vividos, mas dão importância às mudanças, que lhes proporcionaram melhores condições de vida.

Fica perceptível que o homem através de sua memória é capaz de identificar certos acontecimentos não sendo considerados como “bons” para a sobrevivência. Que de acordo com Paul Thompson (1992), em seu trabalho que fala da importância em se trabalhar com a história oral “[...] o uso da voz humana, viva, pessoal, peculiar, faz o passado surgir no presente de maneira extraordinariamente imediata”<sup>67</sup>. Vem nos mostrar a importância de conhecermos esses sujeitos históricos como significação de suas narrativas.

O intuito no relato dos entrevistados é identificar o processo de formação e transformações econômicas e sociais em Mirolândia, principalmente por esses sujeitos que vieram de localidades vizinhas e encontraram na castanha de caju uma fonte de sobrevivência.

Destaca-se que a história oral nos rememora sujeitos históricos no processo de construção e reconstrução no tempo presente, permitindo uma conexão com o passado.

As falas indicam o Sr. Germano Ermelino Ribeiro<sup>68</sup> como referência da primeira pessoa a colocar barraca e vender castanha na BR 316, também um dos primeiros moradores da região a partir de 1972. Os relatos expõem a importância das barracas no sustento familiar, como cita as entrevistadas Maria de Lurdes Costa Diniz Alves, Maria Águida Delmondes do Nascimento e Teresa Barros Santana, que deixaram a roça e passaram a trabalhar com castanha de caju.

Faz muito tempo uns vinte e cinco anos mais que trabalho com castanha, antes eu trabalhava na roça dando diária plantava milho, feijão igual um homem, era pesado mais por causa da pobreza tinha que trabalhar, depois comecei a despelar castanha pra outras pessoas, cheguei ainda a botar uma barraca pra mim mais não deu muito certo, então fiquei só quebrando e despelando para os outros barraqueiros<sup>69</sup>.

Melhorou a vida de todo mundo dentro de casa, a barraca permite comprara alimentação, pagar as dividas, noventa por cento das despesas, e faço o que gosto<sup>70</sup>.

É o nosso trabalho, melhorou, dando para levar a vida sem passar necessidade. Para quem sabe trabalhar com os produtos, por que tem viajante que para e pede desconto, outros tentam enrolar agente, ou passar dinheiro falso, e se controlar pra não fazer dívida, é isso<sup>71</sup>.

<sup>67</sup> THOMPSON, Paul, 1935. **A voz do passado: história oral**/ Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.p. 17

<sup>68</sup> RIBEIRO, Germano Ermelino, 84 anos. Depoimento concedido à autora em 13/04/2013

<sup>69</sup> ALVES, Maria de Lurdes Costa Diniz, 48 anos. Depoimento concedido à autora em 16/09/2013

<sup>70</sup> NASCIMENTO, M. 2013

<sup>71</sup> SANTANA, 2013



O trabalho com a produção da amêndoa da castanha de caju em Mirolândia se tornou responsável por manter estas famílias na localidade, já que as irregularidades chuvosas não permitia desenvolver a agricultura familiar na região.

Já os relatos acerca das políticas públicas incluem *O Bolsa Família, Seguro Safra, Minha Casa Minha Vida* e a *construção de cisternas*. Assim, se percebe que a produção da castanha foi e continua responsável pelo desenvolvimento em Mirolândia, com o esforço dos sujeitos para manter sua produção local e as dificuldades em conseguir apoio que incentive a produção da castanha de forma sustentável.

Quanto aos relatos em relação à preservação do meio ambiente, o óleo da castanha não some na terra, e o reaproveitamento é apenas da casca para esquentar o forno. A Sr.<sup>a</sup> Fabiola Maria de Jesus.

Tento preservar, mas não tem jeito, o óleo fica na terra não some e solta um cheiro forte que queima a pele em contato, é perigoso se intoxicar, e a fumaça não tem outro jeito fica ar, há única coisa que reaproveito são as cascas que esquento o forno para esquentar o bago da castanha<sup>72</sup>.

Conforme exposto nos relatos, fica visível a agressão ao meio ambiente em Mirolândia, pois o óleo da castanha permanece no buraco do assador, até encher com as chuvas escorre na natureza, as cascas que não são utilizadas durante o assar da castanha são descartadas nas proximidades das barracas, as pessoas se protegem com roupas, luvas, sapatos, a castanha é quebrada com material caseiro, o cassetete, encima de pedras, tijolos, ou pedaços de madeira.

A produção da amêndoa da castanha de caju em Mirolândia apresenta grande nível de desorganização. Para melhorar este cenário seria necessário realizar cursos de capacitação junto aos produtores para garantir práticas adequadas de conservação do solo, visando uma produção sustentável em Mirolândia.

E mesmo com tanto tempo investido nesta atividade, os produtores por diversos motivos não conseguem se organizar, apresentando dificuldades para competir no mercado. Isto baixa a competitividade no mercado.

As lembranças não constituem um núcleo compacto e impenetrável para o pensamento e para a linguagem, pelo contrário, é o resultado de um processo elaborado no tempo histórico. Por isso dizer que lembrar proporciona a reinvenção

---

<sup>72</sup>JESUS, 2014

de um passado em comum, fornecendo elementos para a compreensão do presente (PORTELLI *apud* SILVA, F, 2013)<sup>73</sup>.

Enfim, acreditamos que, apesar da formação de cooperativas ser a saída para esses produtores, elas funcionam como uma faca de dois gumes, já que o cooperativismo incentiva a cooperação, a solidariedade, mas se esteia na concorrência. Além do mais, viabiliza o financiamento para agilizar a produção, mas cria as amarras do endividamento, prendendo o cooperado ao capital financeiro. Como se não bastasse, a assistência e outros mecanismos trabalham contra a construção de uma consciência crítica, favorecendo, muito mais, ao estado de acomodação.

---

<sup>73</sup>SILVA, Francisco José da. **A importância da produção e comercialização do alho na cidade de Picos/Piauí (1950 a 1981)** . Picos-PI: 2013. Monografia (Conclusão do curso Licenciatura Plena em História) - Universidade Feral do Piauí. p. 52

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto neste estudo, Mirolândia começa a se formar a partir da década de 1950, mas em especial a partir da década de 1960, com a chegada de famílias das localidades vizinhas, em destaque Sadio.

As famílias trabalhavam com a agricultura familiar com o plantio do feijão, milho, mandioca e cajueiro, mas devido longos períodos de estiagem encontraram na castanha de caju vendida nas margens da BR 316, uma nova forma de permanecerem na localidade. No caso da produção e comercialização da castanha é realizado durante todo o ano, nas barracas o auge se dar nos meses de Dezembro, Janeiro, Junho e Julho que são os períodos de férias, e aumenta o tráfego de carros na BR. Quando terminam os meses de férias, reduz as vendas nas barracas, intensificando as encomendas para atravessadores.

Nem todas as pessoas possuem barracas às margens da BR, optam apenas fazer encomendas compradas por atravessadores, onde o principal foco é a capital do Piauí Teresina. Mesmo que o preço da venda seja menor constitui uma garantia. Além da importância econômica, a castanha é responsável por manter essas pessoas trabalhando na comunidade, chegando a uma produção de 100 kg por semana.

Essas famílias trabalham de forma individual, não há uma comunicação entre eles para que possa trazer melhorias para condições de trabalho, material adequado, ou alargar seu comércio. Ou até mesmo uma cooperativa onde todos possam trabalhar coletivamente, com autogestão, já que todos trabalham pra si mesmo, mas através da economia solidária todos participam de forma democrática na produção e comercialização dos produtos. Comentados por Silva e Dias:

(ES), Como um sistema socioeconômico aberto, comparado nos valores da cooperação e da solidariedade, no intuito de atender as necessidades e desejos materiais e de conveniência, mediante mecanismos de democracia participativa e de autogestão, visando à emancipação e o bem estar individual comunitário, social e ambiental (SANTOS; BORINELLI; PITAGUARI *apud* SILVA, DIAS 2013)<sup>74</sup>.

Todos iriam continuar desempenhando seu trabalho, mas de forma coletiva, com direitos e deveres divididos de forma igualitária, não existindo hierarquia no grupo. Então a economia solidária está preocupada com o bem-estar individual que permite a geração de empregos, renda e inclusão social. Para que haja essa exploração em potencial é necessário a

---

<sup>74</sup> SILVA, Angélica Helena da, DIAS, Maria Patrícia Ramos. **Economia Solidária Versus APL**: um estudo de caso em APL de caju na Cidade de Picos Piauí. – 2013. Trabalho de conclusão de curso (graduação em administração) – Universidade Federal do Piauí. p. 5

formação de APLs, que buscam explorar produtos locais de forma a torná-los competitivos no mercado.

(APLs) [...] são direcionados para a exploração das potencialidades das regiões, atuam como uma alternativa para o desenvolvimento econômico regional sendo apoiados pelo governo e por pesquisadores, devido proporcionara geração de riquezas através do uso de recursos existentes de maneira sustentável (OLIVEIRA *apud* SILVA; DIAS, 2013)<sup>75</sup>.

Se a comunidade dispusesse de parcerias com governos, pesquisadores, instituições de crédito, possibilitando a produção da castanha em Mirolândia, de forma sustentável, diminuindo agressão a natureza e pessoas, permitindo trabalhar em local apropriado, saindo das margens da BR, já que nos relatos se vê os riscos enfrentados todos os dias, de atropelamentos. É necessário um projeto que abranja toda comunidade, já que a produção de forma desordenada está poluindo a natureza e pondo a saúde das pessoas em risco.

O desenvolvimento do trabalho busca levantar um novo olhar, para os sujeitos que formaram e desenvolvem Mirolândia, através de seu trabalho com a castanha e sua própria história, buscando a cada dia construir uma localidade melhor de se viver.

Durante realização deste trabalho se observou que é necessário que haja uma maior comunicação entre os moradores que passem a buscar através da Associação de Moradores de Mirolândia uma alternativa para incluírem a Economia Solidaria (ES) na produção da amêndoa da castanha de caju entre os produtores. Assim, traria benefícios para a comunidade e participantes. Que os municípios possam se voltar mais para Mirolândia dando subsídios em ações técnicas para um comércio mais justo e solidário.

---

<sup>75</sup> Ibid., p.8

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de, 1992. **A terra e o homem do Nordeste**: Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste / Manuel Correia de Andrade. São Paulo: Cortez, 2005.
- BESERRA, Maria dos Remédios, **Associativismo rural**: estratégia de participação para consolidação da agricultura familiar na Associação Comunitária de Pequenos produtores Rurais de Miroelândia, em Picos – Piauí / Maria dos Remédios Beserra.- Recife: O autor, 2011. Dissertação ( Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco.
- BORINELLI, Benilson; SANTOS, Luís Miguel Luzio dos; PITAGUARI, Sinival Osório. **Economia solidária em Londrina**: aspectos conceituais e a experiência institucional. Londrina: UEL, 2010. 224 p.: il. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7846-004-4
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CERTEAU, Michel de, **Invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar / Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 9. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CRAEMER, Willy de; VANSINA, Jan; FOX, Renée C. **Movimentos Religiosos na África Central**: um estudo teórico. Texto traduzido.
- DUARTE, Claudia Renata. **A tecelagem manual do triângulo mineiro**: Uma contribuição para a história cultural material em Minas Gerais, História e Perspectivas, Uberlândia, (25 e 26) : 121 – 146, jul./ Dez 2001 / Jan / Jul. 2002.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun; tradução Reginaldo Camello Correa de Moraes. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- MARTINS, J. S. **Expropriação & Violência** – a questão política no campo. 2. ed. Petrópolis, RJ: HUCITEC, 1982. 181 p.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense**: da pecuária ao extrativismo/ Teresinha de J. M. Queiroz.-2ª ed.-Teresina: EDUFPI, 1998.
- SANTOS, Josean Belo dos, **Expansão urbana e comércio em Dom Expedito Lopes (1970-1990)**. Picos, 2011. Monografia (Conclusão do curso Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí.
- SCHNEIDER, S. **Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v. 18, n° 51, p. 99 –121, 2003.

SHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir de. **Amazônia: Políticas Públicas e Diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SILVA, Angélica Helena da, DIAS, Maria Patrícia Ramos. **Economia Solidária Versus APL: um estudo de caso em APL de caju na Cidade de Picos Piauí**. – 2013. Trabalho de conclusão de curso (graduação em administração) UFPI.

SILVA, Elitânia Evangelista da, MEIRELES, Elisângela Cabral de. **Agricultura Familiar, Competitividade e Economia Solidária: um estudo de caso na Coopercaju e sua dinâmica no mercado internacional**. (2010). Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/comex/article/view/497/376>. Último acesso em: 25/07/2014

SILVA, Francisco José da. **A importância da produção e comercialização do alho na cidade de Picos/ Piauí (1950 a 1981)** / Francisco José da Silva. – 2013. Monografia (Conclusão do curso Licenciatura Plena em História) -Universidade Federal do Piauí.

THOMPSON, Paul, 1935. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## ENTREVISTADOS

ALVES, Maria de Lurdes Costa Diniz, natural do Estado do Maranhão. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Dom Expedito Lopes – PI) em 16/09/2013

RIBEIRO, Germano Ermelino, 84 anos natural de São João do Piauí. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Picos- PI) em 13/04/2013

JESUS, Fabíola Maria, 31 anos natural de Picos – PI. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Picos- PI) em 13/01/2014

LEAL, Assis Rufino, 70 anos natural de Picos – PI. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Piçarreira (Dom Expedito Lopes – PI) em 14/02/2014

LIMA, Paulo Sérgio de, 33 anos natural de Buriti Grande distrito de Dom Expedito Lopes – PI. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Picos- PI) em 23/01/2014

NASCIMENTO, Maria Águida Delmondes do, 45 anos natural do Estado do Pernambuco. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Picos-PI) em 23/10/2013

NASCIMENTO, Gonçalo Cardoso do, 76 anos natural do Estado do Maranhão. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Piçarreira (Dom Expedito Lopes – PI) em 14/02/2014

RIBEIRO, Germano Ermelino, 84 anos natural de São João do Piauí. Entrevista concedida à pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Picos-PI) em 13/04/2013

SANTANA, Teresa Barros, 30 anos natural de Picos-PI. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Picos- PI) em 17/03/2013

SILVA, Francisco Cardoso da, 56 anos natural de Picos – PI. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Picos- PI) em 18/08/2013

SILVA, Juscelino Roque da, 29 anos natural de Picos – PI. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Dom Expedito Lopes – PI) em 15/02/2014.

SILVA, Maria Inês da Conceição, 45 anos natural de Picos – PI. Entrevista concedida a pesquisadora Andréia Águida do Nascimento, Mirolândia (Dom Expedito Lopes – PI) em 03/11/2013

## APÊNDICES



**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO (formação e desenvolvimento de Mirolândia)**

1- Qual a importância da BR 316, na formação e transformação socioeconômica de Mirolândia?

---

---

2- O que levou os moradores em Sadio a migrarem para Mirolândia e Dom Expedito Lopes a partir de 1950?

---

---

3- Que culturas agrícolas eram desenvolvidas em Sadio?

---

---

4- Qual a importância da produção da cana-de-açúcar e do algodão para os agricultores em Sadio?

---

---

5- Como ocorreu o processo de ocupação em Mirolândia?

---

---

6- Atualmente existem famílias morando em Sadio?

---

---

7- Qual a importância da Associação de Moradores? E quais benefícios ela trouxe?

---

---

8- Antes da inserção da amêndoa da castanha de caju, a economia local era voltada para a agricultura familiar?

---

---

9- Que tipos de instrumentos eram utilizados pelo agricultor nas atividades agrícolas?

---

---

---

10- Qual a importância das farinhadas desenvolvidas na localidade com grande intensidade até a década de 1990?

---

---

11- Quais etapas de produção da mandioca eram realizadas nos aviamentos (casa de farinha)?

---

---

12- Como se dava a participação dos meeiros na produção da mandioca?

---

---

13- Em que consistia a participação de crianças durante as farinhadas?

---

---

14- Qual o papel das irregularidades chuvosas na produção agrícola em Mirolândia?

---

---

15- Quais fatores levaramo Senhor Germano Ermelino Ribeiro a permanecer em Mirolândia?

---

---

16- A principal dificuldade dos moradores em Mirolândia vem através da falta de água?

---

---

17- Quais medidas o PROSAR PI (Programa Saúde e Saneamento Básico na Área Rural), estão sendo implantadas para resolver o problema da falta de água na localidade?

---

---

18- As redes municipais de ensino oferecem uma educação de qualidade em Mirolândia?

---

---

19- Mirolândia é distrito pertencente a dois municípios? Quais?

---

---

20- Qual a importância do distrito de Mirolândia para os municípios de Picos e Dom Expedito Lopes?

---

---

21- Para o Senhor a educação era destinada a todos? Por quê?

---

---

22- Qual o papel da religião na comunidade em Mirolândia?

---

---

23- A saúde municipal atende a comunidade de forma satisfatória?

---

---

## RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO A (formação e desenvolvimento de Mirolândia)

- 1- ``A venda nas barracas aqui na pista, melhorou a vida de todo mundo em casa, passou a representar cerca de 60% da renda, já os 40% vem do trabalho do meu marido, me ajudou muito porque quando eu comecei a roça não estava dando mais e mesmo a produção era só nas safras, e o outro tempo ficava de mãos atadas. ``
- 2- Principalmente a falta de chuvas regulares diminuindo as plantações.
- 3- ``O povo no Sadio plantava muito algodão, cana, arroz, feijão, milho, mas ai veio a falta de chuvas e as famílias começaram a ir embora pra Mirolândia antes Chapada da Pista e Miroro.``
- 4- Era responsável por manter as famílias na pequena localidade, sua produção era comercializado principalmente no município de Picos e Dom Expedito Lopes.
- 5- A partir da chegada de famílias vindas das localidades vizinhas como Sadio, Piçarreira, Jenipapeiro, Brejo e de outros estado.
- 6- ``Hoje! O Sadio estar abandonado ninguém quer mais saber não, só tem os macaco, e o gado que o povo leva, pra comer pasto que tem. As roças num tem mais cerca e nem valor, abandonaram tudo as casa caíram, o engenho de moer cana se acabou com o tempo, acabou foi tudo!``
- 7- Representou uma conquista, já que a economia em Mirolândia era de algumas culturas como o feijão, o milho, a mandioca e o caju. As famílias tiravam o seu sustento da colheita destes produtos e o excedente era vendido para terceiros que revendiam nos municípios vizinhos, principalmente Dom Expedito Lopes e Picos.
- 8- ``Antes, o foco de Mirolândia era a mandiocultura, cajucultura e feijão, e com a seca estamos passando por essa dificuldade, o povo pra sobreviver vende as castanhas de caju.``
- 9- A foice, o machado, o fósforo, a enxada, cuia, capanga.
- 10- `` Era o sustento da família e consegui botar minha barraca com o dinheiro da desmancha, trabalhei o mês de junho, julho e inicio de agosto na farinhada ganhando \$15,00 por dia, era um trabalho pesado por passar o dia inteiro sentada raspando a mandioca, acordava muito cedo três horas da manhã para lavar a massa. ``
- 11- Dividia-se em três etapas: arrancar a mandioca, raspar, lavar a goma e a massa, imprensar a massa e torrar a farinha.

- 12- Os meeiros plantavam nas roças de outras pessoas e no período da colheita dividiam a produção.
- 13- As crianças era levadas por seus pais para as farinhadas, por não terem com quem deixar em casa e para aprenderem o ofício.
- 14- Foi responsável de levar um morador buscar subsídios para permanecer na localidade, já que a produção da roça não estava sendo suficiente para manter as famílias.
- 15- `` Mas ai veio à seca e há quarenta anos atrás, eu assava a castanha e botava na beira da pista, pro povo que passava comprar, num tinha barraca não, era no meio do tempo, os caju num baldo, e a castanha assada, mais com casca, num despelava não``.
- 16- ``A localidade sempre sofreu com problemas de água e mesmo com um projeto do governo federal destinado a construção de cisternas a população continua a esperar água em suas torneiras, o poço faz parte de uma emenda parlamentar mais é destinado a beneficiar apenas o município de Picos (Miolândia I ) que vai até a casa de Pedro Gedi (funcionário da CONAB)``
- 17- O Prosar PI, “Eles, já enterraram os canos, ta tudo no jeito, falta só a caixa de água, só que pra sair água nas torneiras não tem previsão não``.
- 18- A localidade conta com três escolas municipais mesmo assim, há o deslocamento de estudantes para os municípios de Picos e Dom Expedito Lopes.
- 19- Mirolândia é distrito de dois municípios o de Picos Piauí e Dom Expedito Lopes Piauí.
- 20- É responsável por realizar o comércio tanto da agricultura familiar como também da amêndoa da castanha de caju, já que muitos atravessadores deste produto são destes municípios.
- 21- ``Bom! Aquele tempo só estudava quem tinha condições, por que até pra cursar o ginásio tinha que ir morar em Picos, ai vinha o aluguel à alimentação. Já aquelas famílias que não tinha condição ficava sem estudar, ia trabalhar na roça. A educação num era pra todo mundo não.``
- 22- É responsável por manter a comunidade unida por um bem comum, a sua existência.
- 23- ``Tem, o médico vem duas vezes na semana Dr. ( Francisco Pinheiro), tem também as agente de saúde é cinco dividida na região, as pessoas com alguma doença grave vai é pra Teresina. ``

## APÊNDICEB– QUESTIONÁRIO

### Roteiro de Entrevista (Produtor)

1- Qual o primeiro produtor de amêndoa dacastanha de caju em Mirolândia? O que o levou a trabalhar com a comercialização da castanha de caju, as margens da BR 316?

---

2- A produção da amêndoa de castanha de caju é desenvolvida por toda a família?

---

3- Há venda de outros produtos, além da amêndoa da castanha, nas barracas? Quais?

---

---

4- Quais os produtos derivados do caju, além da amêndoa da castanha, são comercializados?

---

---

5- Existe algum tipo de treinamento dos produtores, para oferecer um produto de qualidade?

---

---

6- Qual o local de desenvolvimento do trabalho executado pelos produtores?

---

---

7- Como funciona sua jornada de trabalho?

---

---

8- Quais as etapas de produção e customização da amêndoa da castanha de caju realizada pelos produtores e barraqueiros?

---

---

---

---

9- Quais os perigos enfrentados pelos produtores da amêndoa da castanha durante a execução da atividade?

---

---

10- A senhora tem algum apoio técnico/ cursos durante o desenvolver de sua atividade? Quais?

---

---

11- Como é feita a comercialização dos produtos? Que tipos de dificuldades são enfrentados na comercialização?

---

---

12- São realizadas outras atividades para complementar a renda?

---

---

13- Qual o preço de compra da castanha de caju? E de revenda da amêndoa da castanha para atravessadores?

---

---

14- A Senhora (o) gostaria de exercer outra profissão? Qual?

---

---

15- Quais medidas são tomadas pelos produtores da amêndoa de caju para proteger o meio ambiente?

---

---

16- Quais mudanças socioeconômicas trouxe a produção da amêndoa da castanha para as famílias em Mirolândia?

---

---

17- A Senhora tem conhecimento da produção através da Economia Solidária?

---

---

18- Em Mirolândia poderia produzir a amêndoa da castanha de caju em cooperativa envolvendo a Economia Solidária?

---

---

19- Os poderes publico municipal se mostra interessados em investir na produção da amêndoa em Mirolândia?

---

---

20- Principais destinos da produção?

---

---

21- Qual o valor do quilo da amêndoa da castanha já processada?

---

---

22- O Senhor enquanto produtor tem acesso a incentivos políticos ( Municipais, Estaduais, Federais) para comprar a castanha de caju?

---

---

23- Em períodos de crise das vendas da amêndoa da castanha nas barracas, quais medidas são tomadas pelos barraqueiros?

---

---

24- As famílias participam de projetos do governo Federal (Bolsa Família, Seguro Safra, Minha Casa Minha Vida)?

---

---

25- Quais as vantagens em produzir de forma individual?

---

---

26- A produção através do APL ( Arranjo Produtivo Local), traria mais segurança para os produtores?

---

---

27- Qual a estrutura das barracas?

---

---



**RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO B (produtores da castanha de caju)**

- 1- "A primeira barraca foi a de Germano segundo o povo fala e ele mesmo diz mais certeza eu não tenho, e a segunda é a de Mundico e depois foi aumentando."
- 2- Até 2005 as famílias desenvolviam principalmente a cultura da mandioca, caju, feijão e milho, mas as longas estiagens fizeram estes moradores trabalharem com a castanha de caju.
- 3- "Castanha, mel, doce de caju, xarope de caju, doce de buriti, vendia também cajuína e licor, mas por ser muito dispendioso e levar muito caju paramos de fazer, por que fazia eu e mãe, com a seca os caju são pouco. Mermo assim, nos meses de dezembro e janeiro a venda é boa e nos outros meses fica esperando melhorar já que é o meio de vida, mais assim mermo sou contente com o que faço é o meio que Deus me deu pra sustentar meus filhos."
- 4- O doce, xarope, cajuína e licor.
- 5- "Curso não aprende e melhora mermo na prática, tem negócio de curso não". Não há apoio por parte dos municípios para melhorar a mão de obra local.
- 6- O trabalho com a castanha de caju é desenvolvida principalmente as margens da BR 316 km 293, enfrente as residências dos produtores.
- 7- "Cinco horas da manhã boto a barraca e tiro seis e meia da tarde."
- 8- "Eu seleciono ela, depois eu asso, depois deu assar eu vou peneirar pra esfriar, tirar o leite dela pra não sujar as mãos, depois agente quebra e passa no forno e vai pelar umas duas horas da tarde. E tem um horário pra cada coisa, pra quebrar, assar, pelar ne."
- 9- Muitos perigos de vida, de atropelamentos com carros desgovernados que às vezes estoura pneus, ou o motorista dorme na direção e descontrola, como já teve caso de morte aqui na região, como também de intoxicação da fumaça, queimaduras com o leite da castanha e do fogo muito quente.
- 10- "Fiz um curso da EMBRAPA, em 2009, na Fazenda Planalto divisa Piauí / Ceará, que veio, mais só foi eu e outra mulher, o curso era de graça por três dias, quem avisou foi Bom Sucesso a irmã do ex: prefeito de Picos Gil Paraibano. Eu conheço ela, ai me

- avisou, mas tu acredita, que até hoje nunca recebi o certificado, disseram que tinham mandado por um homem e até hoje.``
- 11- A comercialização é realizada principalmente nas barracas. Porém o comércio das encomendas é responsável por manter a produção o ano inteiro.
- 12- ``Só mexo mermo com castanha, doce e mel, e crio porco, e já trabalhei na roça, agora no ano passado, e esse ano não plantei não, mas sempre fui da roça, produtor rural.``
- 13- Atualmente é \$ 3,00 o kg da castanha crua, ela já pronta vende de \$ 23,00 até \$ 30,00 kg.
- 14- ``Se tivesse estudado queria ser policial, mas por falta de interesse parei de estudar me casei tive duas filhas, agora ficara mais difícil, vou lutar para elas não fazer a mesma coisa que eu. ``
- 15- ``Tento preservar, mas não tem jeito, o óleo fica na terra não some e solta um cheiro forte que queima a pele em contato, é perigoso se intoxicar, e a fumaça não tem outro jeito fica solta, há única coisa que reaproveito são as cascas que esquento o forno para esquentar o bago da castanha.``
- 16- A produção com a amêndoa da castanha de caju garante as famílias viverem de forma digna em Mirolândia.
- 17- ``Não. Aqui as pessoas trabalha cada um por si, por que todo mundo tem sua barraca e não dava certo muita gente trabalhando junto, cada um pensa de um jeito, aqui em casa quem fica mais na barraca é eu, meu marido fica às vezes quando não esta trabalhando, ele trabalha em uma loja de moveis em Picos.``
- 18- Os entrevistados se mostraram resistentes com a idéia, já que desde o inicio da produção cada família é responsável por sua produção e quem produz 50 kg não vai querer ganhar a mesma quantidade de uma produção de 20 kg.
- 19- A população relata que os poderes público municipais não se interessam em trazer melhorias para a localidade o mínimo seria a água e isso não tem de forma regular.
- 20- A própria localidade para viajantes e caminhoneiros, Oeiras e a capital do Piauí Teresina.
- 21- Em média de \$ 23,00 a \$ 30,00.
- 22- ``Não. Eu compro e revendo a castanha sem depender de governo.``

- 23- O que mantem a produção o ano inteiro são as encomendas, já que as vendas nas barracas se dá principalmente nos meses de férias.
- 24- Principalmente Bolsa Família, Seguro Safra, e Minha Casa Minha Vida.
- 25- O seu ganho depende de sua produção e segundo os entrevistados evita atritos entre estas pessoas.
- 26- O trabalho e o lucro seria dividido entre os trabalhadores, possibilitando o apoio de governos, pesquisadores, tanto técnicos mais também formas de produzir sem agredir o meio ambiente e prejudicar a vida dos moradores.
- 27- Até 2005 as barracas eram feitas de forquilhas, palhas e o piso de barro. A partir do momento que atividade se tornou principal fonte de renda familiar estes produtores passaram a investir na estrutura, atualmente sua maioria são cobertas de telha acrílica, piso de cerâmica, e pilares de cimento.

**PERFIL DOS PRODUTORES DA AMÊNDOA DA CASTANHA DE CAJU**

28) Sexo

masculino

feminino

29) Idade

de 15 a 20 anos

de 20 a 25 anos

de 25 a 30 anos

de 30 a 45 anos

de 45 a 50 anos

mais de 50 anos

30) Estado civil

Solteiro (a)

Casado ( a)

União estável

Divorciado (a)

Viúvo (a)

31) Número de filhos

Nenhum;

mais de 1.

Quantos? Até sete filhos.

32) Todos os filhos frequentam a escola regular?

Sim.

33) Grau de escolaridade:

Ensino fundamental completo

Ensino fundamental incompleto

Ensino médio completo

Analfabeto

outros

Qual? \_\_\_\_\_

34) Tipo de moradia:

Casa própria;

Alugada;

Parentes ou amigos;

outros Qual? \_\_\_\_\_

35) Em média, quantas pessoas moram na mesma residência?

Sete pessoas.

Todas trabalham com amêndoa da castanha de caju?  Sim;  Não.

``Sim``, quantas? Em sua grande maioria.